

NA FLUIDEZ DAS ÁGUAS:

POSSÍVEIS NAVEGAÇÕES DE UMA PEDAGOGA

ENTRE EDUCAÇÃO, ARTE E SAÚDE MENTAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VICTÓRIA JANTSCH KROTH

**NA FLUIDEZ DAS ÁGUAS:**

possíveis navegações de uma pedagoga entre Educação, Arte e Saúde Mental

PORTO ALEGRE

2021



VICTÓRIA JANTSCH KROTH

## **NA FLUIDEZ DAS ÁGUAS:**

possíveis navegações de uma pedagoga entre Educação, Arte e Saúde Mental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daniele Noal Gai

Banca Examinadora

---

Cleni Terezinha de Paula Alves

---

Carmen Lucia Bezerra Machado

---

Anna Leticia Ventre

---

Aline Brito Miranda

PORTO ALEGRE

2021

## [RESUMO]

Trata-se de uma pesquisa cartográfica sobre as experiências ao longo da graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Navegações que passam por espaços de saúde pública, pela extensão universitária e pela mobilidade acadêmica. O que faz uma pedagoga em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e na Oficina de Criatividade de um Hospital Psiquiátrico? O que pode a Extensão Universitária? O que se mantém e o que se cria quando se vai para outra universidade, outra cidade, outro estado? O que marca ao passar por cada uma dessas experiências? Criar e mediar relações, espaços, vínculos e afetos. Vínculo e afeto como os ventos que movem essa navegação rumo a desbravar as conexões entre Educação, Arte e Saúde Mental. Ventos que mobilizam relações a partir dos encontros. E como se dão essas relações em espaços educativos e de saúde? Relações que podem refletir e reforçar uma educação manicomial ou uma educação para a prática da liberdade (HOOKS, 2017). E nesse desbravar das experiências e navegações, descobre-se possíveis espaços de se ocupar, maneiras de se fazer, jeitos de se criar. Ao longo dessa navegação, vai se criando um corpo e um modo de ser pedagoga.

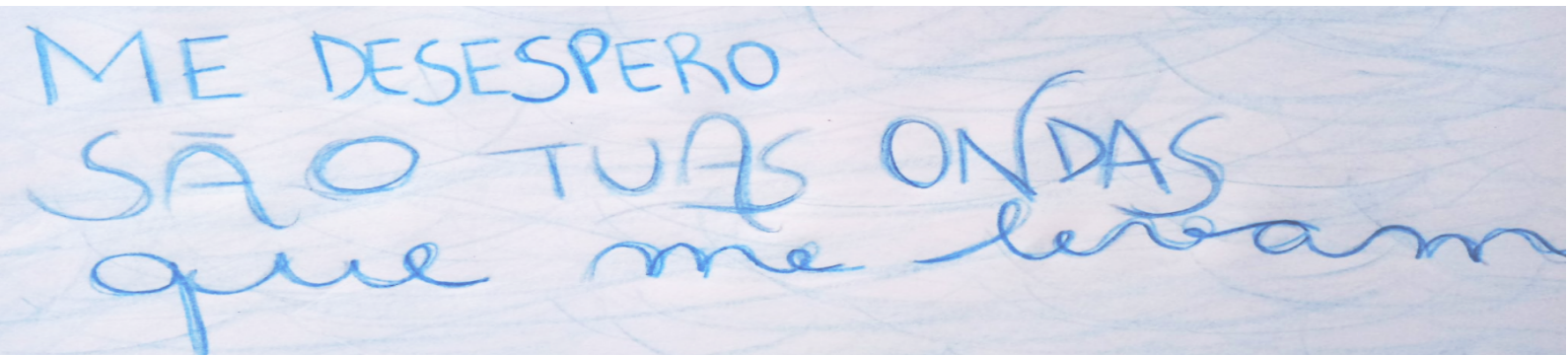
**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogia da Diferença; Arte; Saúde mental; Cartografia;



## ANTES DE COMEÇAR . . .

Esta escrita não é só uma escrita, e não podia ser só uma escrita.

É um encontro. Um navegar. Um desbravar. Um re-encontro. Um re-olhar. Um re-visitar. Boiar sobre as águas para escutar melhor o que elas têm a falar.



“Bom mesmo é estar debaixo d’água” - Luedji Luna :

<https://youtu.be/BCQnOftvLXM>

Estás entrando em uma rota de navegação, ou talvez em um relicário dos afetos de navegação. Ao iniciar essa leitura, estás se colocando em movimento junto com a fluidez das águas. E ainda, antes de iniciar, sugiro que assista ao [audiovisual](#)<sup>1</sup> que criei para a apresentação desse trabalho. Esse vídeo é para te acompanhar e guiar, para que se prepare e realmente mergulhe junto nesses movimentos.

Muitas pessoas já entraram, passaram e se arriscaram por esses movimentos. E de alguma forma marcaram essa escrita e esse barCo-rpo. Agradeço imensamente a todas, todos, todes - e tudo - que contribuíram para que essa navegação acontecesse, para a construção do barquinho, para os movimentos das águas, para que os ventos fossem favoráveis, para os encontros. Seguimos nos apoiando em nossas navegações, descobrindo novas rotas, criando e lutando por novos mapas!

deixe que as ondas te(nos) levem

---

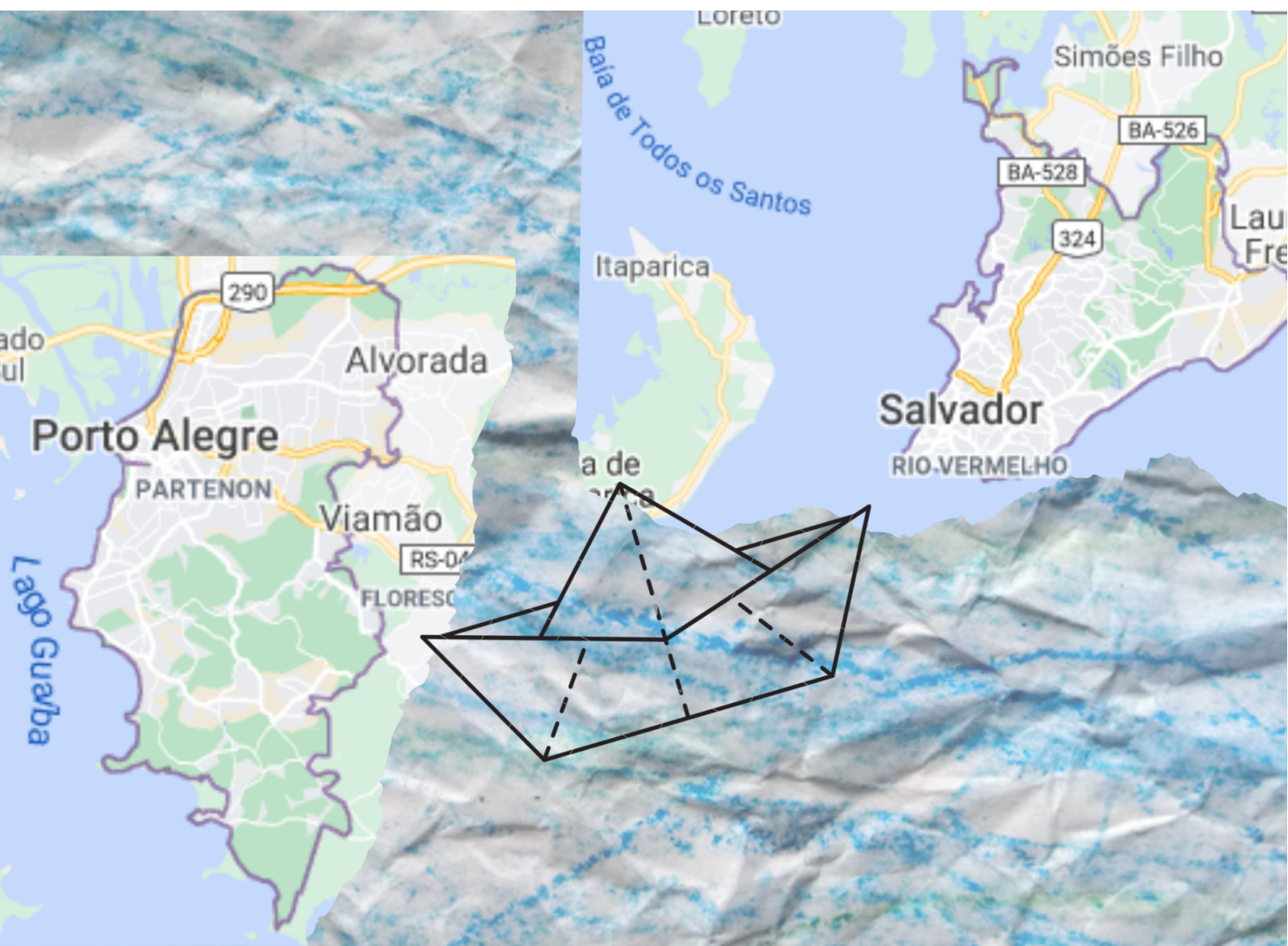
<sup>1</sup> Vídeo criado para a apresentação do TCC. Imagens e criação: Victória Kroth. 20 de maio de 2021. Link: <https://youtu.be/nSCUyBMg-Rw>

# Guia de navegação

Preparo para navegar	[8]
#0 : Um pré-início ou um pré-fim?	[11]
#1 : Lançar-se ao mar	[14]
#2 : A eterna busca	[16]
#3 : Origens – da construção do barquinho	[18]
#4 : Aponta pra fé e rema!	[21]
#5 : Geringonça	[23]
#6 : Pedagogias Geringonça	[26]
#7 : Uma Atelierista-oficineira-EDUCADEIRA?	[31]
#8 : Múltiplos e corpos: Bienal do Jogo e Educação	[34]
#9 : Primeiro encontro com a loucura	[38]
#10 : Um mistério de muitas cores: Hospital Psiquiátrico	[41]
#11 : CAPS (Centro de Atenção Psicossocial)	[52]
#12 : Mobilidade Acadêmica e pedagogias feministas	[56]
#13 : MinhaS primeiraS cartaS	[61]
#14 : Vínculo e afeto como os ventos que movem	[67]
#15 : Educação manicomial e educação para a liberdade	[69]
#Do fim dessa navegação : RE-PARTIR!	[73]
#Referências	[76]



mapa  
de  
navegação



# preparo para navegar

P S S  
O Ã M A S C  
R O O G Ú C A P S A  
T P B E D L R  
O E E I R E V Á T  
A D D L I M A G A A  
L U R I N E D U R S  
E C O D G N O A T  
G A A O T R S E  
R Ç D N A F E T O  
E Ã E Ç L  
O A V Í N C U L O

Essa escrita é um relato de navegação. Navegações que aconteceram durante a graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entre dois estados e duas cidades: Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e Salvador, na Bahia.

Navegações que perpassam o Projeto de Extensão Geringonça [Pedagogias da diferença. Ecologias da vida], as duas edições da Bienal do Jogo e Educação, o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, o desbravar e conhecer Salvador, as inquietações com as Pedagogias Feministas, a troca de Cartas-afetos com os amigos do CAPS.



Essa escrita se deu em dois momentos completamente distintos:

1 : Primeiro semestre de 2019, em Porto Alegre, com orientação do Prof. Dr. Luciano Bedin, quando ainda estava estagiando no CAPS e me organizando para fazer Mobilidade Acadêmica para Salvador. Na expectativa em ir pra um lugar completamente desconhecido, do que encontraria, de quem conheceria, do que viria.

2 : Primeiro semestre de 2021 - semestre letivo de 2020/2, entre Porto Alegre e Venâncio Aires, com orientação da Prof. Dr<sup>a</sup> Dani Noal, após a Mobilidade Acadêmica. No meio de uma pandemia, com mais de 400350 mil mortes no Brasil, de um descaso pela vida, de um abre e fecha das coisas, e trabalhando em uma Escola de Educação Infantil. Um momento tenso, de muitas angústias e incertezas, em que máscara e álcool gel passaram a ser armamento e escudo.

O QUE QUERO COM ESSA ESCRITA?

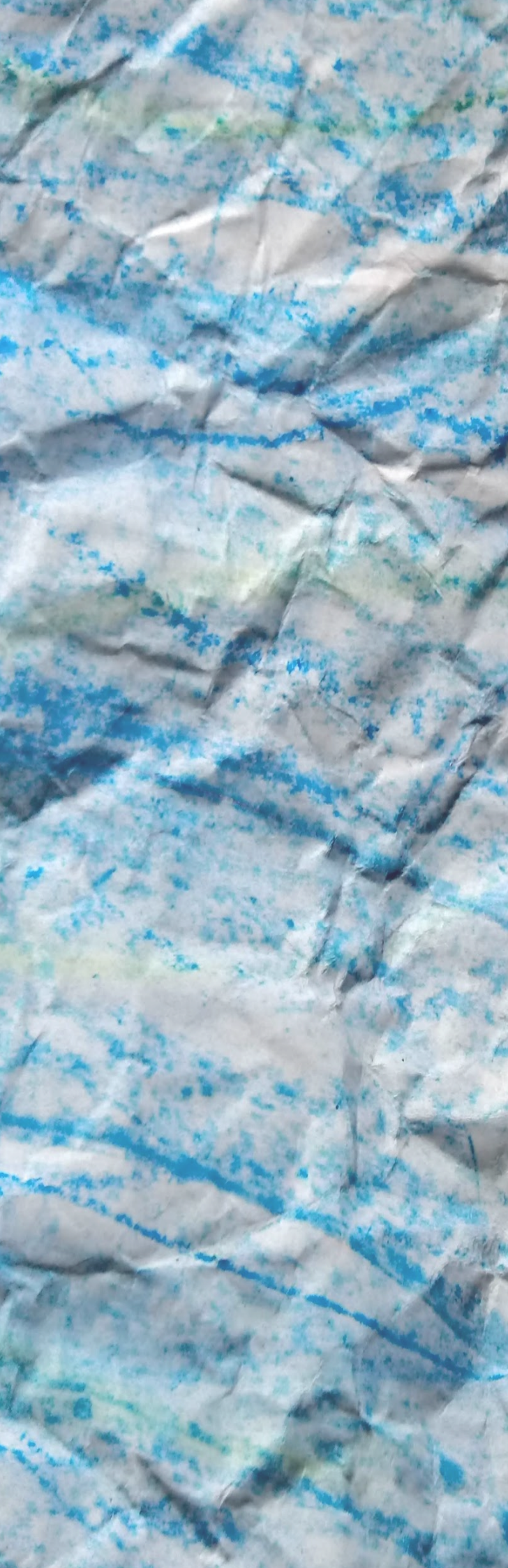
Mostrar caminhos possíveis. Relatar e refletir sobre as experiências de uma pedagoga em formação nesse emaranhado de possibilidades entre educação, arte e saúde mental.

**E O QUE CONECTA TUDO ISSO?**

QUAIS SÃO AS ÁGUAS QUE NAVEGO?

**VÍNCULO E AFETO** COMO O VENTO

impulsionador dos movimentos



“Para navegar  
contra a  
corrente  
são  
necessárias  
condições  
raras:  
espírito de  
aventura,  
coragem,  
perseverança  
e paixão”

Nise da Silveira



# # 0

“É só um TCC.”

Um pré-início ou um pré-fim?

Devaneios TCCísticos, leituras, pesquisas, conversas. Procrastinações. Angústias. Incertezas. Insegurança. Medo. Imaginei que seria mais fácil iniciar essa escrita, ainda mais por ser algo que vivi. Talvez exatamente por isso que foi difícil, por ser a experiência vivida, as afetações que marcaram, o que me compõe. Me distanciar e ver com outros olhos o que ainda pulsa. “Será que vou conseguir expressar o que vivi-senti?” Escolher o tom, a linguagem, o modo e estilo de escrita... tudo influencia.

“Escrever é confrontar nossos  
próprios demônios, olhá-los de frente  
e viver para falar sobre  
eles” (ANZALDÚA, 2000)

Iniciar essa escrita significa muitas coisas. É o início de uma escrita que representa um fim. Mas um fim, que ao mesmo tempo, representa a possibilidade de começos. Um fim que na verdade já iniciou com começos: com novas pessoas, com novas redes, espaços, com um grupo de pesquisa e com novos desafios.

## DESAFIO

### de · sa · fi · o

**1** Ato de desafiar; desafiação.

**2** Convite para participar de um confronto de qualquer tipo (jogo, luta, debate etc.): *O desafio feito pelo time de futebol local foi aceito pela equipe da cidade vizinha.*

**3** **FIG** Situação ou problema cujo enfrentamento demanda esforço e disposição firme: *“No Nordeste de então, assim como até hoje, a pobreza, [...] o*

*martírio da seca eram desafios que os governos não estavam dispostos a vencer” (LA1).*

**4** **FIG** Atitude que revela desrespeito ou desacato; afronta, provocação: “[...] de braço dado com o marido, num desafio à sociedade local, Dominique, excessivamente pintada, rebolou o que pôde as venustas ancas [...]” (EV).

**5** **FIG** Ato de instigar alguém a realizar algo que supostamente está acima da sua capacidade: *Mesmo assustado, aceitou o desafio de atravessar o rio a nado.*

**6** **MÚS** Disputa poética cantada em forma de diálogo, geralmente improvisado. É conhecido em todo o Brasil, especialmente no Nordeste, onde, em geral, se pratica a sua forma mais antiga, isto é, sem acompanhamento musical, com a participação do violão ou da viola apenas para realçar com acordes o final de cada refrão e preencher os intervalos entre as partes cantadas.

**7** **LIT** Gênero poético, escrito em forma de diálogo, que trata de uma disputa imaginária entre o poeta e um adversário  
(Dicionário Michaelis online)

...um convite...

...ao esforço e disposição....

...à provocação...

...um ato de instigar o ir além...

...uma poética improvisada....

...uma disputa imaginária....

É, essa escrita é um desafio!

Mesmo já tendo escrito algumas vezes sobre o que vivi, o peso que esta escrita - desse começo de fim ou fim de começos - carrega é outro. O que desejo com essa escrita? Talvez afetar. Talvez instigar. Talvez só escrever mesmo, como forma de relato e memória de experiências que me passaram. Talvez tudo. Talvez nada.

. . . [Nademos!]

Para escrever um TCC é preciso uma pergunta, um problema. E qual pergunta é essa?

Minha pergunta inicial era como iniciar.

E como iniciar? Cansei de pesquisar e resolvi catar a resposta na prática de pesquisa (e na escrita).

O começo não passa de interrupção de algo que já vinha ocorrendo, mas que ainda não tinha recebido nome. As coisas estão em permanente processo até que alguém apareça e nomeie um ponto das coisas como começo. Assim, o começo pode até ser chamado de fim, em nome de uma fúria nomeadora. (JAFFE, 2015, s/p)

Sendo assim.....

- Marca-se aqui o começo de um fim ou um fim de começos. Tanto faz. O importante é marcar mesmo!

COMECEMOS, ENTÃO!?

# #1

o início de um início,  
[ou o primeiro começo]  
do lançar-se ao mar...

É momento de parar de pensar e procurar rotas e, enfim, sair a navegar. Se jogar nas aventuras, se lançar ao mar, encarar as ondas, o céu, o sol, a lua, as chuvas, as tempestades e o arco-íris. Deixar que as águas e os ventos guiem esse processo de re-conhecimento e conexão. Já temos o essencial: o desejo de navegar e um barquinho. Um barquinho simples, mas forte, disposto e aberto a encarar o que vem. Que traz consigo histórias, marcas do tempo e de outros movimentos.

E o que esse barquinho carrega? Será que resiste a todas as tempestades? Temos mantimentos e recursos para a manutenção, se necessário? Estamos preparadas?

*Isso só se descobre vivendo, arriscando.*

*E x p e r i e n c i a n d o !*

Mesmo sem experiências de navegação anteriores, mesmo sem dominar as técnicas, mesmo sendo “marinheira de primeira viagem” - como disse o homem que foi em busca da ilha desconhecida<sup>2</sup>- podemos não ser, mas se temos a linguagem - ou o desejo ou algo em comum - é como se fôssemos.

Então, coragem! É como se fôssemos marinheiras.

Vamos adiante!

---

<sup>2</sup> Personagem de “O conto da ilha desconhecida”, de José Saramago.



E qual o principal objetivo com essa navegação?

Desbravar ilhas desconhecidas!

Não ignoro que todas as ilhas,  
mesmo as conhecidas, são  
desconhecidas enquanto não  
desembarcarmos nelas (SARAMAGO,  
1998).

Desembarcar e descobrir as ilhas conhecidas de uma outra maneira até então desconhecida. Ilhas essas que compõem uma cartografia de navegação de uma estudante do curso de Pedagogia que vai além dos muros da universidade, que extrapola as fronteiras e transita por diferentes espaços e territórios.

A cartografia ocupa-se de planos moventes, de campos que estão em contínuo movimento na medida em que o pesquisador se movimenta. Cartografar exige como condição primordial estar implicado no próprio movimento de pesquisa (COSTA, 2014, p.71).

Que as Cartas-afetos de navegação consigam passar e fazer fluir as intensidades das experiências dessa longa viagem. Claro que algo se perde no momento em que tentamos traduzir em palavras o vivido, mas espero que as intensidades possam ser sentidas. Que quem não esteve a bordo dessa navegação consiga sentir e afetar-se pelo relato. Relato de viagem que se traduz em Cartas-afetos de navegação.

E ao desembarcar, quais as marcas que ficam?

O que fica na ilha e o que acompanha a viagem?

Isso só é possível - se é que é possível - perceber ao distanciar-se da ilha e lançar-se ao mar novamente.

Que é necessário sair da ilha para  
ver a ilha, que não nos vemos se  
não sairmos de nós (SARAMAGO, 1998)

## #2

### A ETERNA BUSCA

[será um tesouro?]

A busca pela pergunta guia do TCC me moveu - e ainda move - muito. Preciso de uma pergunta mas parece que nenhuma basta e consegue contemplar tudo o que quero colocar nessa escrita de começos de fins ou fins de começos.

Ao mesmo tempo, uma pergunta boa é uma pergunta que não se sabe a resposta. Se eu acho que ela não vai conseguir dar conta dessa escrita é porque não é uma boa pergunta, porque eu já faço pensando na resposta. A verdade é que eu tenho as respostas e quero formular uma pergunta a partir delas [será mesmo?]. Impossível fazer esse processo contrário? E comecei a me acostumar com a ideia de não ter uma pergunta, mas de escrever.

Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? (ANZALDÚA, 2000, p.230)

ESCREVER É O  
ATO MAIS ATREVIDO  
QUE EU JÁ OUSEI  
E O MAIS PERIGOSO.  
(ANZALDÚA, 2000, p.234)

Não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos – chamo isto de escrita orgânica. (ANZALDÚA, 2000, p.235)

Se as águas fluíram e as navegações aconteceram, essa escrita também vai fluir. Talvez no meio dessas escritas eu encontre a pergunta, porque certamente ela está no meio desse emaranhado de memórias e citações e canções e artes e cheiros e cores e papéis e fotografias e cartas e cartazes e pedagogias. Vou escrever sobre o que vivi, sobre onde fui, passei, ocupei, transitei. Por onde é (im)possível uma pedagoga transitar e o que faz-deixa nesses espaços-territórios? Hm, talvez uma pergunta inicial eu tenha.

A cartografia dirá que as nossas questões não vêm simplesmente das nossas cabeças, mas que nós nos questionamos na medida em que estabelecemos relações com aquilo que nos faz questionar.[...]É preciso, então, que a gente entre em contato com as coisas para que as coisas nos façam pensar e sair do lugar. Sair do lugar não é simplesmente se deslocar; envolve outro tipo de deslocamento. Trata-se de um deslocamento das ideias prontas, daquilo que está naturalizado, do "é assim mesmo", do óbvio, sem surpresas, do que parece estar desde sempre já dado. Em outras palavras, trata-se de um deslocamento do olhar. (COSTA, 2014, p.74)

POR UMA PEDAGOGIA DA PERGUNTA! E não uma pedagogia da resposta para uma pergunta.

No ensino esqueceram-se das perguntas, tanto o professor como o aluno esqueceram-nas, e no meu entender todo conhecimento começa pela pergunta. Começa pelo que você, Paulo, chama de curiosidade. Mas a curiosidade é uma pergunta! (FREIRE, FAUNDEZ; 2013 ,p. 46)

# # 3

Das origens,  
do antes do partir,  
do pré-partir,  
da construção do barquinho.

. b r i n c a r .

No campo, na areia, na terra, no arroio, no galpão, na casa da avó, na sala de casa, no quarto. Com primas, amigas, irmã ou sozinha. De casinha, comidinha - com ovos, terra e ração dos bois roubados do avô -, de cabeleireira, de três espíãs demais, de rebeldes, de “chapéu mexicano” no balanço, de escolinha com as bonecas.

Fecho os olhos e penso na Vic criança, de 4 anos. Fecho os olhos e penso nas brincadeiras e no que me fazia feliz. Fecho os olhos e penso o que da Viczinha ainda está vivo em mim e me fez estar aqui, onde estou hoje. Fecho os olhos e penso se a criança que fui está orgulhosa de quem sou. Fecho os olhos e lágrimas escorrem ao mesmo tempo que um sorriso se abre. Fecho os olhos e uma emoção toma conta. Fecho os olhos e sinto que o barquinho tá seguindo as águas na direção certa. Ou que o vento está sendo favorável [pelo menos até agora].

. m e m ó r i a s .

minha mãe é professora e enquanto ela estava na escola eu ficava em casa aos cuidados da tia Marlene. Em muitos dias eu a esperava chegar sentada na janela na frente de casa, de onde podia ver o carro se aproximar. Eu a esperava estudando. Pegava um caderno antigo de meu primo e contornava com canetinhas coloridas o que estava escrito. Era um caderno de espiral, com capa azul. Colocava meu caderno embaixo do braço, subia no



sofá para alcançar a janela, sentava na janela, me escorava na grade e começava a aula. Começava então a estudar.

No brincar a gente representa algo. O brincar é sério.

Se quiser conhecê-los depressa, faça-os brincar. Se quiser ensiná-los a viver, deixe os livros de lado. Faça-os brincar. Se quiser que peguem gosto pelo trabalho, não os amarre à carteira. Faça-os brincar. Se quiser fazer seu trabalho, faça-os brincar, jogar, brincar. (DELIGNY, 2020,p.27)

E o desejo de estudar sempre esteve pulsando. A Vic criança sempre gostou de ir pra escola, de brincar com os amigos, de escutar histórias, de escrever, de comer merenda, de pular pneu no recreio - mesmo que às vezes não conseguia. Comecei essa maratona aos 4 anos, indo pra escola com a mãe. Na mesma escola que a avó deu aula, que minha mãe e minha tia estavam lecionando.

...

... "Por seres tão inventivo E pareceres contínuo Tempo, tempo, tempo, tempo"<sup>3</sup>

...

O tempo passa. Chega o momento de escolher por qual caminho seguir, qual curso optar para o vestibular. Engenharia? Matemática? Química? Relações públicas? Eu nem pensava em pedagogia. Ou melhor, acho que pensava mas não admitia...

---

<sup>3</sup> Música "Oração ao tempo", de Caetano Veloso.  
<https://youtu.be/HQap2igIhxA>

“Tu não vai seguir a tua mãe né? Já tem exemplo em casa de como ela recebe pouco e trabalha muito. Com educação não dá, tem que ganhar dinheiro”. Escutei tanto esse discurso que acabei interiorizando, de certa maneira. Romper com esse estigma não foi algo fácil.

Teve um dia em que parei para pensar o que eu estava fazendo, o que me movia e o que eu gostaria de fazer. Em toda a minha vida eu estive envolvida com educação. Quase todas as mulheres da família são professoras - mãe, avó, tias. No ensino médio participei de projetos e todos eram voltados para a educação. Participei planejando oficinas de química para os colegas. Dei aulas de capoeira em escolas públicas e escolas especiais do município de Venâncio Aires/RS.

Por que eu estava tentando fugir de algo que estava na cara - na pele - no corpo - na alma? Que estava em mim desde sempre? Talvez uma negação interna de seguir a mesma profissão de minha mãe, a profissão que de certa forma a tirava de mim. Talvez - quase com certeza - por me deixar influenciar pelo que os outros pensam e julgam.

Mas ainda bem que no meio desse turbilhão eu consegui me conhecer e me escutar. Foi preciso ser forte para assumir e escancarar o que eu realmente queria - ou achava que queria - ou por enquanto ainda quero.

...  
...  
...

E nesses processos, o barquinho foi tomando forma, se conhecendo, se descobrindo, e testando para encarar as águas. Novas partes foram sendo criadas, novas partes, novos espaços e novas marcas. Se até aqui não foi fácil, coisas piores estavam por vir.  
[será?]

## # 4

“Aponta pra fé e rema”

mesmo contra a maré

em meio a tsunamis

Escolhi seguir e só seguir. Firme[!] com minhas convicções e defendendo o que acredito. A educação é tudo! É mágica, intensa, libertadora, libertária, política. É sagrada. Sabia que iria passar por alguns perrengues, algumas correntes mais fortes, dias intensos, calmarias e tempestades, mas estava certa de que meu barquinho aguentaria.

Depois que se começa a escrever ou pensar em algo, essa coisa aparece em todos os lugares. Comecei a ver barquinhos por onde passava. Pessoas que fizeram intervenções de barquinhos de papel. Lambes<sup>4</sup> com barquinho e a frase: navegue na direção dos seus medos. Tatuagens de amigas. Livro infantil que conta uma história de um barquinho de papel que se relaciona muito com essa escrita. Enfim, comecei a relacionar tudo com essa navegação.

## APONTA PRA FÉ E REMA!

Em meio aos tempos sombrios e de tempestades que vivemos, estar envolvida com educação se tornou um ato político [na verdade sempre foi]. Temos um desgoverno que corta verbas das principais áreas - sendo uma delas a educação - defende projetos

---

<sup>4</sup> Lambes ou lambe-lambe são intervenções urbanas compostas por cartazes impressos ou produzidos manualmente, que através da arte expõem ideias e pensamentos e são fixados com cola pelas ruas das cidades. Imagens na página 55.

que desvalorizam os professores, dissemina discursos de ódio. Um desgoverno composto em sua maioria por homens brancos fascistas, racistas, homofóbicos... Onde vamos parar com isso? É isso, vamos parar! ATO-LIMITE, SITUAÇÃO-LIMITE.

Dia 1 de maio de 2019. Milhões de pessoas tomaram as ruas do país em protesto aos cortes do governo na educação. A primeira grande tsunami que tomou o país. A primeira Tsunami da Educação!

Que as situações-limites nos desestabilizem, mas possibilitem ir além. Que sejamos capazes de perceber, refletir e lutar para resolver os problemas que

NOS LEVEM A PENSAR E SONHAR COM UM INÉDITO-VIÁVEL!

O "inédito viável" é na realidade, pois, uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um "percebido destacado" pelos que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade. (FREIRE, 2018, P.223)

DEPOIS DA TEMPESTADE VEM A CALMARIA? SONHEMOS!



# # 5

## Geringonça

[Pedagogias da diferença. Ecologias da vida]

Geringonça<sup>5</sup> é um Programa de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, criado em 2016 com o objetivo de ir para os espaços educativos e propor ações e intervenções que misturam arte, poesia, brincar, filosofia, pedagogias e diferença.

JÁ TRANSITOU POR escolas do campo, da periferia e especiais; congressos e seminários de educação; ateliers e oficinas em eventos nacionais e internacionais; ateliers de ludopedagogia; deu vida - junto com outros coletivos - à Bienal do Jogo e Educação; viagens de estudos; leituras em tom alto; intervenções pelo prédio azul, cafés e chimarrão na sala 411 da Faced.

Em suas ações defende uma ética e uma estética. Uma ética da sensibilidade, do acolhimento, do cuidado. Uma ética do “com”: com o outro, com o corpo, com a coisa, com o contato, com o espaço, com o que se tem e o que se pode ser-fazer-criar. Uma ambiência é pensada para que se crie um ambiente sensível e acolhedor, que desafie, possibilite a expressão e a criação, e desperte diferentes sensações e emoções.



---

<sup>5</sup> <https://www.ufrgs.br/projetogeringonca/>

Geringonça cria. Re-cria. Des-cria. Se cria. Se re-cria. Se des-cria. Re-nasce!

Muitas coisas em uma, que talvez não seja uma, mas, sim, um pouquinho de cada uma dessas muitas. Uma mistura. Algumas coisas que não se pode explicar e nem definir. Um emaranhado de sentimentos, sensações e emoções. Uma mistura de práticas, intervenções, pedagogias e ecologias.

Sensibilidade. Diferença. Poesia. Artes. Educação.  
Saúde. Filosofia. Interação. Contato. Jogo.  
Envolvimento. Improviso. Leveza. Brincar. Artesanias.  
Cacarecos. Papel crepom. Feijão. Sacolinhas. Fita  
crepe. Folhas. Terra. Carvão. Galhos. Tecido. Comida.  
Giz. Cordão. Linha. Fita de proibido. Extensão.  
Pesquisa. Lã. Liberdade. Confiança. Acreditar. REDE.

Um projeto de extensão com Pessoas de todos os tipos, jeitos e trejeitos. Loucos. Estudantes. Professoras. Artistas. Se complementando e adaptando para seguir juntos. Uma rede - de apoio, trabalho, extensão, bar, chimarrão. Uma rede que se expande e adapta, mas que continua sendo rede. Uma rede que passa por tormentas, mudanças, fios arrebentam, mas a essência segue. Deligny (2018) nos diz que “rede é um modo de ser”. Geringonça é rede. Geringonça é um modo de ser.

Mas o que é esse modo de ser Geringonça? É possível definir ou apenas se é? Em muitas escritas já tentamos definir o que é esse modo Geringonça. O que acontece para que isso seja tão indefinível? Uma maquininha, um passarinho, um camaleão. Se sabe o que NÃO É, mas as possibilidades de ser são muitas. Talvez pela prática seja mais fácil de demonstrar e descobrir.

Quem faz geringonça quer conhecer . fazer . produzir .  
moldar . modelar . brincar. Nem sempre quer utilidade .  
progresso . benefício . ser universal. O processo de  
conhecer se associa à experiência necessária à produção do  
conhecimento. Afirma um processo de aquisição do  
conhecimento associado à experiência, em que saber-fazer  
articula-se ao saber narrativo. (GAI, 2015, p.96)

# # 6

## PEDAGOGIA GERINGONÇA

entre arte e educação  
encontros e desafios

[Lygia Clark Bispo do Rosário Hélio Oiticica Cora Coralina]

Nos anos de 2016 e 2017 o Geringonça se encontrou com o coletivo Uruguai La Mancha para realizar os Ateliers de Ludopedagogia em Porto Alegre e participar da Bienal Internacional del Juego em Montevideo. Esses encontros foram formativos sobre jogo e ludopedagogia, e também preparatórios para a I Bienal do Jogo e Educação<sup>6</sup> que aconteceu em 2018, em Porto Alegre.

Pelo desejo de compor com “múltiplos e corpos” na I Bienal do Jogo e Educação, de criar rede, convidar e espalhar o conceito de Jogo, o Geringonça propôs oficinas no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Adulto do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e na Escola de Educação Especial Professor Elyseu Paglioli. Estas oficinas foram inspiradas nas obras de artistas como Lygia Clark, Bispo do Rosário, Hélio Oiticica e Cora Coralina.

Propostas que misturaram jogo, arte e educação. Jogo que acontece no encontro. Arte como uma forma de expressão, mas também como um meio de conexão entre: o eu, o outro, as subjetividades, os materiais, os artistas. Educação como relação. Dançar, brincar, riscar, rasgar, cortar, amarrar, traçar. Criar e compor com as obras, com os materiais, com os afetos, com diversos corpos, com o dentro e o fora que se fluem em um corpo vibrátil.

O “corpo vibrátil” é a potência que o corpo tem de vibrar a música do mundo, composição de afetos que toca à viva

---

<sup>6</sup> <https://www.ufrgs.br/bienaljogoeducacao>  
<https://www.facebook.com/bienaljogoeducacao/>



voz na subjetividade. A consistência subjetiva é feita dessa composição sensível, que se cria e recria impulsionada pelos pedaços de mundo que nos afetam. O corpo vibrátil, portanto, é aquilo que em nós é ao mesmo tempo dentro e fora: o dentro nada mais sendo do que uma filtragem seletiva do fora operada pelo desejo, produzindo uma composição fugaz. (ROLNIK, 1999, p. 32)

Esse plano é o "corpo vibrátil", no qual o contato com o outro, humano e não-humano, mobiliza afetos, tão cambiantes quanto a multiplicidade variável que constitui a alteridade. A constelação de tais afetos forma uma realidade sensível, corpórea, que embora invisível não é menos real do que a realidade visível e seus mapas. É o mundo compondo-se e recompondo-se singularmente na subjetividade de cada um. Muda o mundo, muda a consistência sensível da subjetividade, indissociavelmente: entre eu e o outro, desencadeiam-se devires não paralelos de cada um, em um processo sem fim (ROLNIK, 1999, p. 3).

dançar, sentir, jogar, criar e compor com  
**sacolinhas de Lygia Clark;**  
traçar os caminhos feitos  
ao caminhar pelas formas no chão  
no papel que se transformou  
nos **parangolés de Hélio Oiticica;**  
criar um manto coletivo com retalhos de tecido  
como o **manto de Bispo do Rosário;**  
Dançar com escritas em tiras de papel  
e desse encontro dançante  
os **poemas de Cora Coralina** se recriam.

# ENCONTROS QUE DESAFIAM

. pedagogias da diferença . ecologias da vida .

Planejamento coletivo. Pesquisa. Estudo sobre os artistas, suas obras e pensamentos.

Um jogar de ideias e um jogar com ideias. Um jogo que acontece no momento, um jogo do-com o encontro.

Mesmo sem saber quem vai encontrar, as oficinas Geringonça são propostas para DESAFIAR. Um desafio que se constrói com e pelo grupo, e por isso pode variar suas intensidades. Desafio que se cria na abertura e no desejo de cada um. Desafio que contempla e inclui todos.

Além de respeitar o desejo, é preciso acreditar na potência de cada ser, acreditar que é possível. Talvez ela consiga segurar o fio da rede, consiga caminhar sobre a linha, consiga riscar o papel, consiga dançar e pular, mas talvez esse não seja o seu desejo naquele momento. Mesmo assim, é preciso adequar rapidamente e tornar acessível a proposta de jogo.

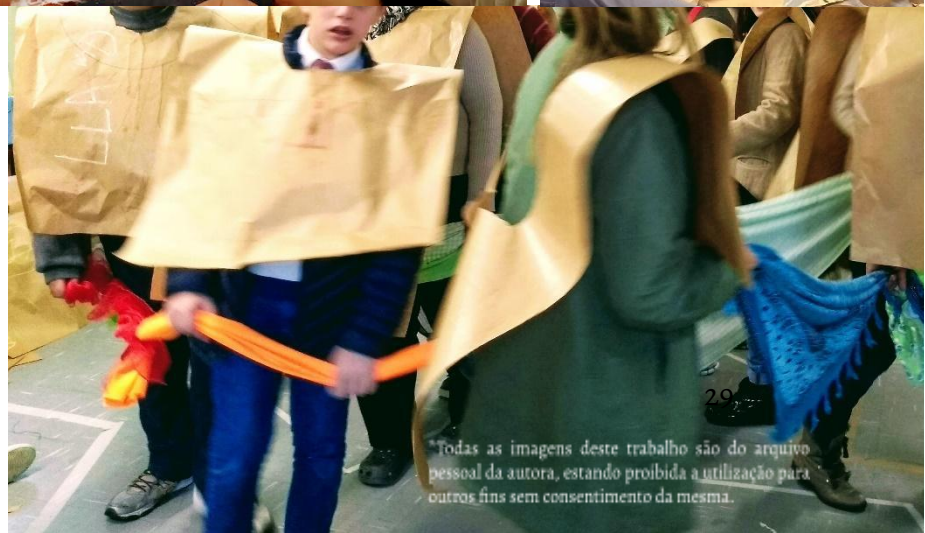
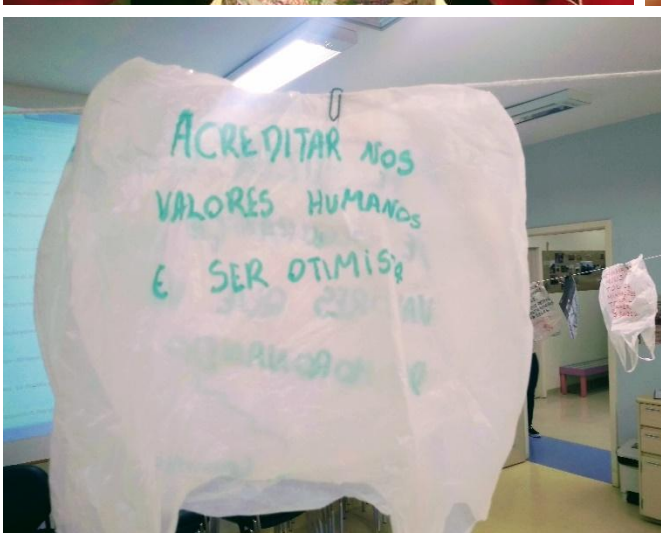
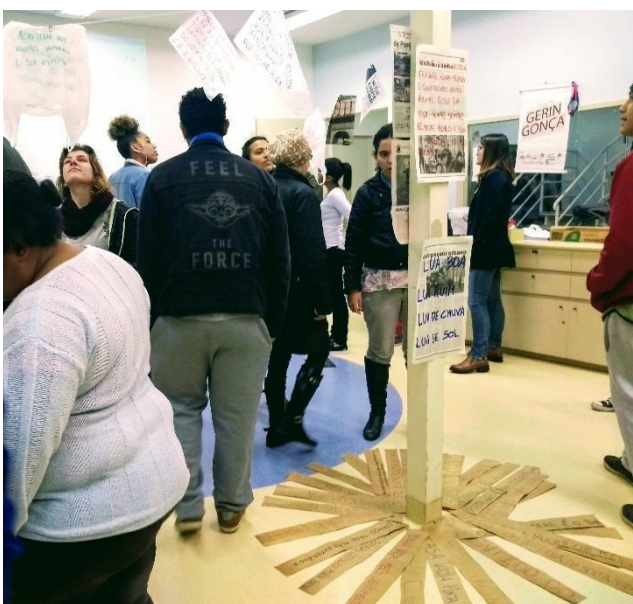
Um menino chegava na sala e logo sentava em um canto para explorar e rasgar papéis. Percebendo isso, passamos a levar mais e diferentes tipos de papéis. Um Planejamento diferenciado para respeitar e incluir.

Outro menino que só ficava sentado no chão, brincando com uma bola, também quis participar da roda final do encontro. Ele fez sinal, me deu a mão, levantou e entrou na roda. Lembro das falas das professoras sobre o ato dele querer levantar e participar, que era raro. Partiu dele essa iniciativa. O que aconteceu ali que lhe despertou esse desejo?

Em outro momento, no final do encontro, pedimos para cada participante falar uma palavra que representasse o momento vivido juntas. Dentre várias falas e palavras, a que mais marcou: “Borboleta! Não. Árvore! Não. Fruta! Tá, fruta!”. Palavras que para alguns podem não ter relação nenhuma com o encontro, mas que estavam diretamente relacionadas. Borboleta é livre, renasce. Árvore é raiz, conexão. Fruta é o



novo, o que nasce. Sensibilidades, poéticas e filosofias da experiência, do momento, do improviso, vivas: uma pedagogia geringonça.



PEDAGOGIAS DA DIFERENÇA E ECOLOGIAS DA VIDA ANDAM JUNTAS.

PEDAGOGIAS DA DIFERENÇA E ECOLOGIAS DA VIDA NÃO SE SEPARAM.

Pedagogias da diferença como ações que respeitam e valorizam cada ser em sua inteireza e potência, com suas diferenças e singularidades. Ecologias da vida como as relações que se criam entre: os seres, o espaço, a ambiência, as propostas, o jogo.

A conotação da ecologia deveria deixar de ser vinculada à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados. Ela põe em causa o conjunto da subjetividade e das formações de poder capitalísticos. (GUATTARI, 2012 p. 36)

----- Em defesa da Pedagogia da Diferença

----- Em luta pelas Ecologias da vida!



# # 7

## UMA ATELIERISTA- OFICINEIRA- EDUCADEIRA?

Hoje - 24 de fevereiro de 2021, em meio a pandemia de covid-19 - recebi um vídeo da I Bienal do Jogo e Educação, em 2018, de uma amiga. Estávamos na Faculdade de Educação, na sala onde tinha acontecido o Atelier do Geringonça, vivendo e desfrutando do sentimento pós-atelier. Dançando, leves, felizes, aliviadas. A música que tocava era “Partilhar”, que foi um dos temas da oficina.

Se for preciso, eu pego um barco  
Eu remo por seis meses como peixe, pra te ver  
Tão pra inventar um mar grande o bastante  
Que me assuste e que eu desista de você  
Eu quero partilhar, eu quero partilhar  
A vida boa com você  
Partilhar - Rubel

<https://youtu.be/WkLpoUiasZ8>

Saudade bateu forte. Me fez lembrar desses momentos, das pessoas, das conexões, das brincadeiras, do contato, do toque, dos abraços. Me trouxe saudade e esperança de que tudo isso vai passar e vamos viver momentos como esse novamente.

Esse vídeo também me fez perceber o quanto isso me motiva, me faz ter vontade de seguir, faz meu olho brilhar, o ponto do coração, o fio.

UMA ATELIERISTA-OFICINEIRA-EDUCADEIRA?

## EDU-CADEIRA

mas venha cá,  
o que seria uma EDU-CADEIRA?  
uma cadeira que educa?  
uma educação cadeirante?  
outros fins para novos meios  
movimentos  
cadeira que ocupa o espaço  
cadeira que acolhe o corpo  
cadeira que

cadeira que o que mesmo?  
o que mais pode uma cadeira?  
e uma educadeira?





Impossível não lembrar dessa cadeira.

Cadeiras que faziam parte da ambiência do Atelier Geringonça na I Bienal do Jogo e Educação. Talvez ela represente uma EDUCADEIRA. Com folhas, linhas, sacos, sujeiras, nós, emaranhados.

Folhas que sentam. Linhas que criam uma rede. Plásticos que compõem, conectam e conversam. Uma cadeira. Que se torna uma EDU-cadeira.

Relações. Arte. Composições. Outras sustentações. Sustentabilidade.

## O QUE A EDUCAÇÃO PODE CRIAR?

ao escrever criamos: uma forma de narrar e dizer aquilo que experimentamos, formas de explicar e conceituar o vivido. a invenção acontece com a escrita, ao escrever. a invenção acontece entre a experiência e a escrita. revisitar para dar sentido, ressignificar, falar mais uma vez. e isso leva a conceituar, a defender um modo de pesquisar em educação. uma escrita poética que trabalha a palavra, o conceito, conceituando o vivido: cria-se os rumos da navegação enquanto se escreve.

UMA ESCRITA QUE PEDE UMA OUTRA LEITURA

UMA LEITURA QUE PEDE UMA ESCUTA

#escutamor quer dizer: brinque ao escrever e experimente uma outra forma de agir no mundo.

A #escutamor joga com palavras, se aninha no elo e no aconchego do traçado das letras, na invenção e na aprendizagem de uma outra escrita, de um outro jeito, de uma outra linguagem, de uma outra escuta.

(II Bienal do Jogo e Educação: #ESCUTAMOR, 2020)

# # 8

## I BIENAL DO JOGO E EDUCAÇÃO: MÚLTIPLOS E CORPOS para repensar-se corpo branca

A I Bienal do Jogo e Educação aconteceu em Porto Alegre, no ano de 2018, com o tema “múltiplos e corpos”. Defendeu e viveu o jogar no encontro com as diferenças, com todes e qualquer um, sem distinções.

MÚLTIPLOS. Misturados. Gentes de todos os tipos. Jeitos, lugares e cores. Loucos, cadeirantes, arteirxs, autistas, periféricos, múltiplos, cegos, trans, surdos, sexuais, musicistas, quebrados, dançarinas, descolados, ancestrais, andados, espíritos, vividos, mudos, inteiros, negros, dançarinos, pobres, brancos, mulheres, preparados, flexíveis, vermelhos, velhos, amarelos, empolgados, magros, músicos, gordos, professores, emocionais, brincantes, nem sempre cem por cento presentes, latinos, preocupados, estudantes, doentes, indígenas, palhaços, (d)eficientes, altos, violados, profissionais da saúde, baixos, palhaças, vulneráveis, artistas, (a)típicos, professoras, infantis, ETs, etc e tal. (MEMÓRIAS E MIRABOLÂNCIAS - I BIENAL DO JOGO E EDUCAÇÃO, 2018, p.13)

Múltiplos corpos compondo com corpos múltiplos.  
Encontros que afetam e marcam  
que perpassam e atravessam  
o sentir corpo.  
Conexões que reverberam  
para além desse jogo.  
Redes que se criam e enlaçam  
e embaraçam e seguem  
se compondo em múltiplos  
com outros múltiplos  
C O R P O S

"Eu sou um corpo, um ser, um corpo só  
Tem cor, tem corte  
E a história do meu lugar, ô  
Eu sou a minha própria embarcação  
Sou minha própria sorte"<sup>8</sup>  
Luedji Luna

Pensar CORPOs a partir das críticas e hierarquias sociais.

Pensar CORPOs a partir das críticas do feminismo negro.

Pensar CORPOs a partir do lugar que ocupo como mulher branca.

Pensar CORPOs com uma crítica à branquitude.

---

<sup>8</sup> Música "Um corpo no mundo", de Luedji Luna. <https://youtu.be/V-G7LC6OzTA>

Inspirada pelas problematizações sobre os corpos, provocadas na I Bienal do Jogo e Educação, passei a refletir sobre o meu corpo enquanto mulher branca que tem privilégios, marcas e histórias. E, com isso, me aproximei dos pensamentos de feministas negras.

Pensar corpo com as feministas negras e também pensar corpo a partir delas. Elas pensam o corpo que é negado, excluído, taxado. Corpo que tem menos valor. Corpo que não é padrão. Corpo preto. Corpo mulher. Corpo homossexual. Corpo que é marcado pela diferença. Corpo que não é considerado nem corpo.

Junto a isso, também é importante pensar corpo a partir do corpo que sempre foi pensado como corpo: Corpo Branco. Corpo homem. Corpo hétero. E ainda pensar a partir do meu corpo e do que me marca enquanto mulher branca. Pensar o corpo branca e os espaços que ocupa. Corpo branca se pensar e reconhecer enquanto corpo branca e não somente como corpo, como humano, como universal. Assim, deixando fora dessa compreensão de corpo todo corpo que não se encaixa no padrão corpo de homem branco colonizador.

Com essa compreensão e herança colonizadora, a partir dessa visão de corpo como branco foi se criando todos os "outros" corpos - o branco como o *um* e o não branco como o *outro*. Nas palavras de Grada Kilomba:

Eu me torno a/o "Outra/o" da branquitude, não o eu - e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual (KILOMBA, 2019, p. 78)

A branquitude - como um sistema - precisa se discutir e repensar, para entender como viemos parar aqui onde estamos hoje. Entender nosso papel para estar aqui e na luta para acabar com o que foi criado por nossos ancestrais colonizadores. Passar pelos processos de reconhecimento das consequências desse sistema colonizador,

racista, misógino e homofóbico. Como propõe Grada Kilomba(2019), no livro “Memórias da Plantação: episódios do racismo cotidiano”, sair da negação, passar pela culpa, pela vergonha, pelo reconhecimento para, enfim, chegar em ações de reparação.

Em vez de fazer a clássica pergunta moral “Eu sou racista?” e esperar uma resposta confortável, o sujeito branco deveria se perguntar: “Como eu posso dismantelar meu próprio racismo? Tal pergunta então, por si só, já inicia esse processo. (KILOMBA, 2019, p. 46)

Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta. (CARNEIRO, 2001, s/p)

## L U T A R

Pela construção de uma sociedade multirracial e pluricultural, onde a diferença seja vivida como equivalência e não mais como inferioridade. (CARNEIRO, 2001, s/p)

# # 9

## PRIMEIRO ENCONTRO COM A LOUCURA

*"Na tarde do dia 24 de novembro de 2017 fomos Aline, Amanda e eu até a sede da Associação Construção para uma oficina com usuários de saúde mental para mostrar o tipo/conceito de jogo da Bienal do Jogo e Educação. Sempre tive vontade de conhecer essas pessoas tão comentadas pela Dani, Aline e Conrado. Planejando as atividades e no dia da oficina a insegurança e a expectativa tomaram conta. O que esperar? Que pessoas são essas? Como reagiriam? Quais seus jeitos e trejeitos? Chegando lá encontramos Pessoas. Pessoas normais dentro de suas anormalidades. Me fizeram pensar por que somente eles são considerados usuários de saúde mental? Não somos todos? Não precisamos todos?"*

*Ao chegar, primeiro conhecemos o espaço da Associação Construção e da Geração POA<sup>9</sup>. Aline nos mostrou as artes, produtos e o espaço da Geração POA, que encantam. Ocupados em meio aos preparos para uma feira de economia solidária que aconteceria nos próximos dias, realizamos a oficina com 7 pessoas. Para iniciar a oficina e nos conhecermos melhor, fizemos uma roda em que cada um deveria falar seu nome e fazer um movimento, que deveria ser repetido por todos os outros. Após, deveriam passear e dançar pela sala, observando as composições com diferentes percepções de corpo que estavam penduradas pelos varais espalhados pela sala. Em seguida, divididos em grupos, deveriam representar objetos ou animais - como elefante, galinha, etc - utilizando o corpo de todos do grupo. Dando continuidade, disponibilizamos diversos materiais como revistas, folhas, giz de cera, canetinhas, tesouras, colas, para que representassem a sua composição e compreensão de corpo para compor o varal junto com as demais.*

---

<sup>9</sup> O Geração Poa faz parte do programa Oficina Saúde e Trabalho, um serviço que integra a Rede de Atenção Psicossocial da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Promove ações em saúde, trabalho, educação e cultura voltadas para usuários da saúde mental e saúde do trabalhador. - <https://www.facebook.com/geracaopoa/about> - [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?reg=6&p\\_secao=834&fbclid=IwAR26SL7wrydtX-x82MEknz8zypEERaBJ6GgQ4gie58VCn9N9t8GenaPtN8M](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?reg=6&p_secao=834&fbclid=IwAR26SL7wrydtX-x82MEknz8zypEERaBJ6GgQ4gie58VCn9N9t8GenaPtN8M)

*Voltamos tranquilas e renovadas para a reunião que tivemos à noite. Uma hora e meia com pessoas usuárias de saúde mental. Com pessoas normais. Com pessoas que experimentaram o jogo. Com pessoas que criarão nossa arte. Com pessoas.*

*Seguimos,*

*Vic"*

Essa é a relatoria do encontro da equipe da I Bienal do Jogo e Educação - múltiplos e corpos com a Associação Construção<sup>10</sup>, uma rede de economia solidária com usuários de saúde mental de Porto Alegre. O encontro se deu para apresentarmos a ideia da Bienal do Jogo e Educação para os artistas da Associação Construção e a partir disso eles criarem um logo para o projeto Bienal. Um processo criativo e coletivo, em que um iniciou e os demais foram complementando até dar vida à *boneca bienalista* - nome dado ao logo na I Bienal. Foi no ano de 2017 e lembro do quanto esse encontro me mobilizou, tanto antes como depois. Lembro o frio na barriga, o medo, a insegurança por não saber o que - quem - iria encontrar. E muito disso pelo estigma social que se tem em relação aos loucos: pessoas bobas, perigosas, agressivas, traiçoeiras.

Nossa sociedade enxerga no louco o perigo, a insensatez, a incapacidade, a desrazão, o desafeto, o desamor, a barbárie, ou sobre ele se debruça com *peninha: olhem só, o coitadinho!* Entre o olhar da violência e o olhar da tolerância - duas faces da mesma moeda - está o louco. Aquele do qual temos que nos defender, ou sobre o qual debruçamos nosso caritativo olhar. (NEUBARTH, 2009, p. 41)

---

<sup>10</sup> <https://associacaoconstruc.wixsite.com/associacaoconstrucao>





Montagem da boneca bienalista e de uma colagem criada no encontro.

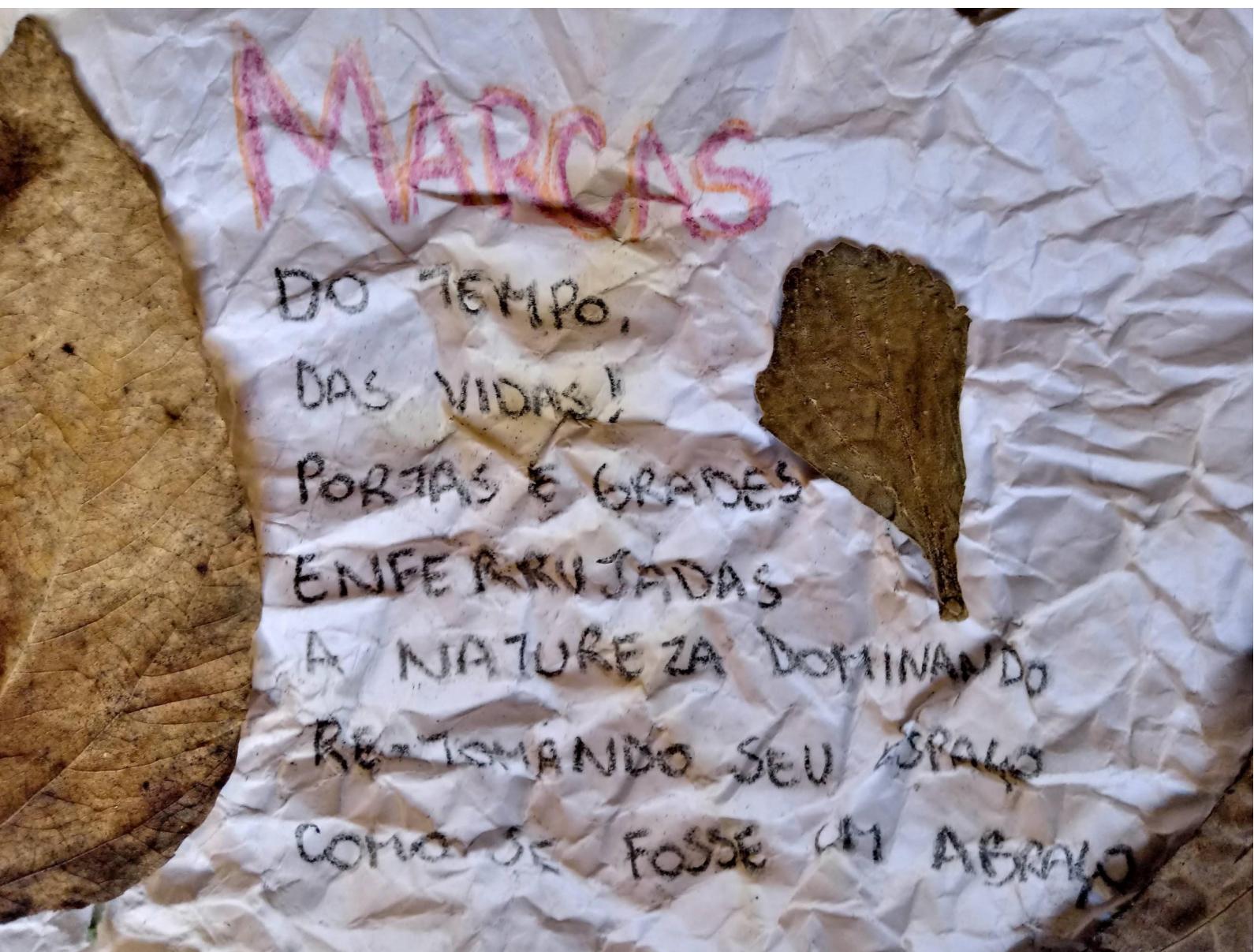
Mas são pessoas, como qualquer outra. Pessoas com diferentes histórias de vida, como qualquer outra. Pessoas diferentes, como qualquer outra. Pessoas gordas ou magras ou altas ou baixas, como qualquer outra. Pessoas felizes ou tristes, como qualquer outra.

Depois de conhecê-los e de jogarmos juntos o que ressoava era: Eles que são os loucos? E por que só eles que são loucos? Por que esse rótulo de usuário de saúde mental? Quem classificou eles assim? Essas perguntas me incentivaram a saber mais, a estar mais perto.

...

#10

UM MISTÉRIO,  
DE MUITAS CORES  
av Bento Gonçalves, 2460



Escrita sobre a primeira visita ao Hospital Psiquiátrico São Pedro, em composição com folhas de boldo colhidas no pátio do hospital. [2018]



MARCA S  
do tempo  
das vidas!  
portas e grades  
enferrujadas  
a natureza dominando  
retomando seu espaço  
como se fosse um abraço

1ª VISITA AO SÃO PEDRO  
ÁRVORES, FOLHAS, PRÉDIOS  
UM LUGAR INCRÍVEL,  
INTENSO  
CARREBA MUITAS HISTÓRIAS  
PESADAS MEMÓRIAS  
UMA SENSÇÃO ESTRANHA  
VONTADE DE FICAR OLHANDO  
DE ENTRAR EM TODOS OS LUGARES  
DE ESPIAR EM CADA BURACO  
MISTÉRIO.  
O QUE TODO ACONTECEU ALI?  
QUANTAS VIDAS PASSARAM  
OU ACABARAM, MAS DE CERTA  
MANEIRA MARCARAM!

ANOTAÇÕES SOBRE A 1ª VISITA AO HOSPITAL SÃO PEDRO - 17/03/2018



A primeira vez que entrei no Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP) foi em maio de 2018, em uma aula da disciplina de “Arte, saúde e Educação”. Sempre quis muito entrar lá. Os muros, a estrutura, a arquitetura, o tamanho, as cores, as marcas do tempo, o mistério. Tudo me chamava muito. A curiosidade de conhecer e descobrir mais aquele lugar foi tanta que meses depois voltei para fazer o Estágio Curricular I da Área de Educação Especial na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Esse estágio foi implementado em 2018, na reforma curricular do curso de Pedagogia, e fiz parte da primeira turma de estagiárias.

Ao ver o HPSP de fora, um dos primeiros hospícios do país, criticando e lutando contra esse sistema manicomial, não imaginava as preciosidades que encontraria lá dentro.



Um mundo de cores.

Um mundo de arte.

Um espaço à parte.

Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Um espaço de muita cor, de muita vida, expressão, liberdade.

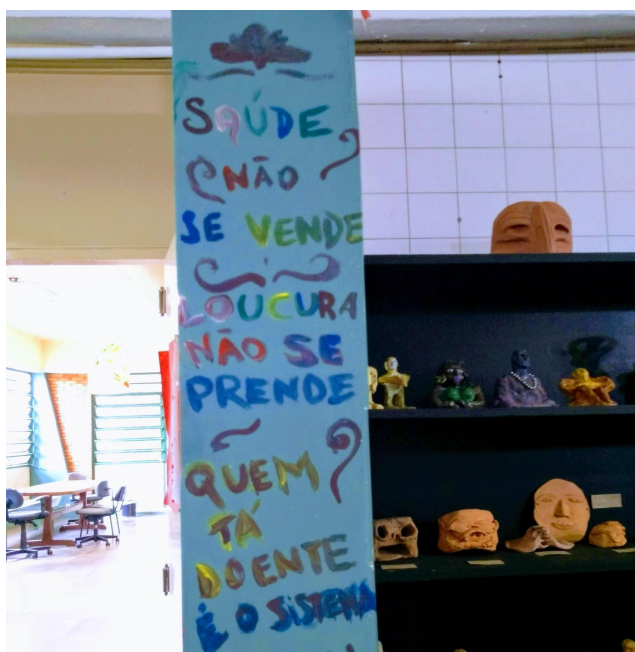
A R T E!



Imagens: arquivo pessoal. Novembro de 2018.

A Oficina de Criatividade fica em um prédio mais recente na estrutura do Hospital, rodeado de árvores, com muitas janelas e obras de arte por todos os lados. Recebe moradores do HPSP, pessoas internadas na área hospitalar, clientes do ambulatório e grupos das comunidades do entorno, indicados por profissionais das Unidades Básicas de Saúde (UBS). Pinturas e frases nas paredes, muitas tintas, pincéis, folhas e marcas pela mesa, um atelier de cerâmica, um espaço para costura. Um espaço de arte, denúncia e resistência. Um espaço de resistência viva ao sistema social enclausurador.

Na oficina, o indivíduo tem liberdade para exprimir; é ele quem escolhe o material com o qual vai trabalhar e o que quer expressar. Através de desenhos, pinturas, modelagem, escritos e bordados, esses feitos a partir de riscos executados pelos próprios frequentadores, o sujeito catalisa o que através da linguagem verbal, muitas vezes lhe seria tão penoso (NEUBARTH 2009,P. 133)





FALTARÁ NOMES

Pra DESCREVER O  
MUNDO SEM AS  
MISÉRIAS

O que SENTIMOS,

O que nos TORNAMOS

O Novo ser sem  
medo DE VIVER

FALTARÁ TINTA

No DIA QUE O CÉU  
FOR LIVRE,

Pra todos serem o  
que são,

Cobertos pelo sol,  
sem nenhum tipo  
de opressão



Estando dentro da Oficina de Criatividade e vivenciando as práticas e relações que aconteciam ali, naquele mundo de cores, muitas vezes acabava esquecendo que estava dentro de um hospício. Ao mesmo tempo sabia - e sentia - o peso que aquele lugar carrega. As estruturas velhas, os portões enferrujados e cadeados, muitos lugares interditados, risco de desabamento. E o que mais desabou ali dentro? Quantas vidas desabaram? Lutar pela vida, pela liberdade, pela arte, pela expressão. Lutar para que espaços como a Oficina de Criatividade se reproduzam fora do manicômio. Lutar contra esse sistema enclausurador.



Arquivo pessoal. Maio de 2018.

E COMO AS PEDAGOGAS  
OCUPAM ESSE ESPAÇO?

Pedagogia é sinônimo  
de alfabetização?



Em nosso primeiro encontro como estagiárias de Pedagogia na Oficina de Criatividade conversamos com a nossa supervisora - que é psicóloga, artista, coordenadora e uma das fundadoras da Oficina de Criatividade - e a primeira coisa que ela nos disse é que haviam algumas demandas de alfabetização dentre os frequentadores da Oficina. Alfabetizar é um desafio e uma responsabilidade enorme. Como alfabetizar em um espaço de saúde, e principalmente, de arte? E o que mais faz uma pedagoga nesse espaço?

Tínhamos a missão de resgatar o desejo e a curiosidade para entrar em um mundo que até então era visto mas não compreendido: o mundo das letras. E eles tinham o desejo de entrar nesse mundo, de se alfabetizarem, ou estávamos emprestando o nosso desejo - como dizia nossa supervisora? E quais as marcas que a escola tinha deixado naqueles sujeitos?

PARA ALÉM DO MUNDO DAS LETRAS E DOS NÚMEROS  
o que mais pode uma(ou duas) pedagoga(s)  
nesse espaço?

Em meio a tantas tintas, cores e pincéis,  
em meio a tantos materiais e possibilidades,  
explorar e propor atividades  
que conectem expressão e alfabetização  
Alfabetização pela expressão?  
Alfabetização pelas artes?  
Uma pedagoga-artista?  
Uma professorArtista?

É preciso estimular o uso da palavra, do corpo, dos espaços, dos objetos, dos movimentos. São pequenos gestos que significam possibilidades de outras entradas no cotidiano, e que podem arrancar esses sujeitos, e nos arrancar, a nós, profissionais da saúde, da letargia e da impotência (NEUBARTH, 2009, p. 55)

"o que cura é o estímulo à criatividade" (SILVEIRA, 2009)

SENSIBILIDADE GESTOS RESPIRO OBSERVAR



Os encontros de Alfabetização aconteciam com 3 pessoas: uma mulher e um homem usuários de saúde mental que frequentavam semanalmente a Oficina; e uma mulher que era funcionária terceirizada responsável pela limpeza da Oficina que frequentava a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola à noite.

Em um dos encontros com a funcionária, fizemos um planejamento pressupondo que, por trabalhar em um espaço de arte, ela gostaria de usar aqueles tantos materiais, de desenhar e poder se expressar. Porém, a expectativa e o desejo eram nossos. Ela só queria ajuda para colocar os seus temas em dia no caderno, para a professora ver que ela estava fazendo. Uma mulher, adulta, que trabalhava em uma Oficina de Criatividade e tinha que copiar desenho da uva no caderno para representar a letra U. Disse que quando estava na escola e tinha que desenhar se perguntava: "o que eu to fazendo na escola?". A escola - ou algumas escolas - matam ou silenciam o desejo genuíno de expressão de quem por ela passa?

. . . Criamos um móbile com as vogais, feitas de galhos .  
fizemos cartinhas com as letras do alfabeto . criamos um  
caderno . plantamos um pé de abacate . ajudamos nos "temas" da  
escola . a mexer no celular novo e ajustar os recursos de  
acessibilidade . a fazer contas e calcular o valor dos  
produtos do mercado. conversamos sobre a vida . . .

É essencial estar aberta e sensível aos gestos, ao respiro, ao observar, ao escutar, ao acolher, ao diálogo, ao outro, ao encontro. Conhecer, criar um ambiente que se sintam seguros e possibilitar que cada um possa seguir os seus desejos e experimentar os seus mais distintos estados do ser (SILVEIRA, 2009).

Assim como a física quântica não distingue matéria de energia, Jung também não separa matéria e psique. Isto é o que me fascina particularmente em Jung: o que leva os indivíduos, que estão vivendo outros estados do ser que se fragmentam, a tentar restabelecer a unidade própria de cada um. Os pequenos modos da substância infinita, como diz Spinoza. E esses modos tem o direito de ser eles próprios. (SILVEIRA, 2009, p. 222).

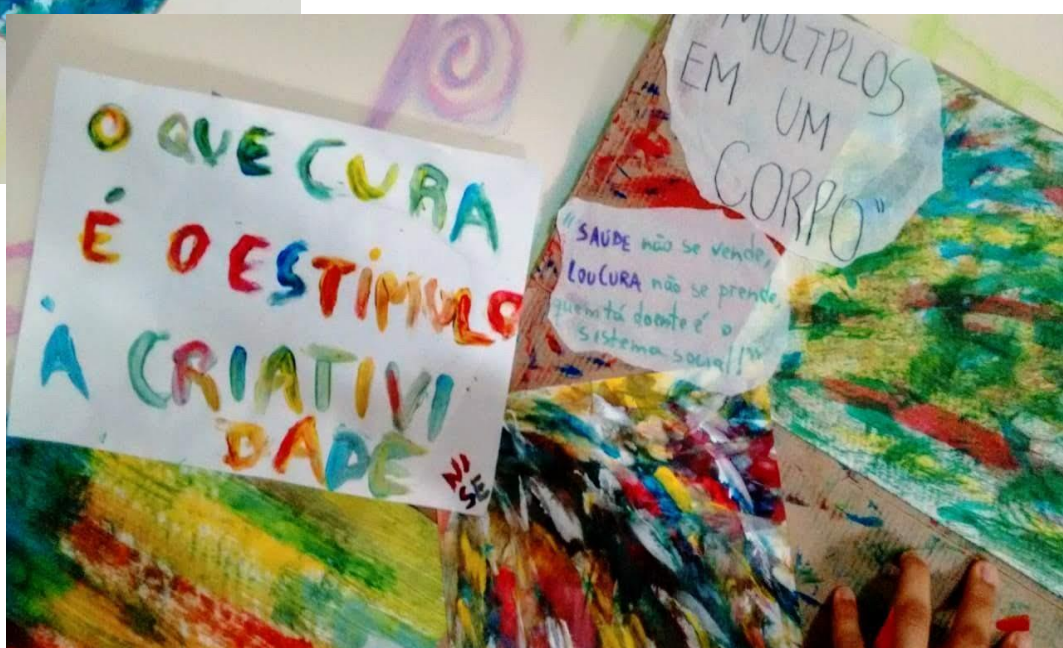


Nossa supervisora usava muitas metáforas para falar sobre os artistas e frequentadores da Oficina. Lembro dela usar a metáfora do pingô d'água para falar sobre os aspectos emocionais de uma das usuárias que tinha crises frequentes. Ao olhar sensível dela, cada crise seria um pingô d'água, que molha uma folha e mesmo depois de seco deixa marcas. O tempo passa e outro pingô acontece, destacando ainda mais aquela marca que já existia.





E QUAIS AS MARCAS DO HPSP  
NESSE CORPO-BARCO-EDUCADEIRA?  
O que pinga e seca e marca?



# # 11

C A P S

São Manoel 285

Em 2018, por meio do projeto Geringonça e de oficinas preparatórias para I Bienal do Jogo e Educação, cheguei até o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Um prédio cinza esverdeado ou verde acinzentado, de dois andares, com portão e grades na frente, sem janelas no primeiro andar, na “São Manoel 285”. No primeiro andar funciona o CAPS II Adulto e no segundo andar o CAPS Infantojuvenil, que atende crianças e adolescentes.

Os Centros de Atenção Psicossocial surgiram a partir dos movimentos contra o sistema hospitalocêntrico e a luta pela reforma psiquiátrica com o objetivo de propor o fim dos manicômios e uma nova abordagem em saúde mental. Uma abordagem mais humana, sensível, significativa e afetiva, que reconecta os usuários com seu território, a comunidade e a vida. Uma abordagem completamente diferente da que era realizada nos manicômios. Uma perspectiva libertária, com práticas de atenção e cuidado, que levam em conta a vida e a liberdade, a potência de cada ser. Uma abordagem antimanicomial.

Os CAPS – assim como os NAPS (Núcleos de Atenção Psicossocial), os CERSAMs (Centros de Referência em Saúde Mental) e outros tipos de serviços substitutivos que têm surgido no país, são atualmente regulamentados pela Portaria nº 336/GM, de 19 de fevereiro de 2002 e integram a rede do Sistema Único de Saúde, o SUS. Essa portaria reconheceu e ampliou o funcionamento e a complexidade dos CAPS, que têm a missão de dar um atendimento diuturno às pessoas que sofrem com transtornos mentais severos e persistentes, num

... dado território, oferecendo cuidados clínicos e de reabilitação psicossocial, com o objetivo de substituir o modelo hospitalocêntrico, evitando as internações e favorecendo o exercício da cidadania e da inclusão social dos usuários e de suas famílias. (BRASIL, 2004, P.12)

De acordo com a Portaria SAS/MS nº 336/02 (BRASIL, 2004), os Centros de Atenção Psicossocial II contam com equipe multiprofissional composta por 1 médica psiquiatra, 1 enfermeira com formação em Saúde Mental, 4 profissionais de nível superior: psicólogo, assistente social, enfermeiro, terapeuta ocupacional, pedagogo ou outro profissional necessário ao projeto terapêutico, e 6 profissionais de nível médio: técnico e/ou auxiliar de enfermagem, técnico administrativo, técnico educacional e artesão. A equipe do CAPS II HCPA é composta por todos esses profissionais de nível superior citados na resolução, com exceção da pedagoga.

Esses profissionais trabalham para restabelecer os vínculos do usuário através de projetos e oficinas terapêuticas individuais e coletivas. A Portaria Nº 3.088/2011 que institui a Rede de Atenção Psicossocial (RAPs) na qual o CAPS faz parte, define que o CAPS é constituído por equipe multiprofissional que atua sob a ótica interdisciplinar. Os encontros do Geringonça abriram caminho para que, poucos meses depois, eu retornasse para o CAPS como estagiária. Dentro da equipe fiz parte do Serviço de Educação Física e Terapia Ocupacional (SEFTO), juntamente com outras estagiárias de Educação Física e nossas supervisoras: uma professora de Educação Física e uma Terapeuta Ocupacional. Nas oficinas de caminhadas pelo território, vôlei, futebol, tênis, práticas expressivas e comunicativas propostas pelo SEFTO pude experienciar o trabalho multiprofissional e interdisciplinar entre educação física, pedagogia e terapia ocupacional. Além disso, depois que eu entrei - uma estagiária de pedagogia - também iniciaram-se as oficinas de alfabetização.



Entretanto, no tempo em que estive no CAPS pude perceber que a equipe geral era multiprofissional, mas as práticas não aconteciam interdisciplinarmente. Cada profissional atuava de acordo com as especificidades da sua área, não trocando saberes com os outros campos profissionais. A reunião de equipe geral se restringia às discussões de casos, evoluções e altas. Como seriam as práticas se todas as áreas se unissem para coletivamente produzir atenção e cuidado em saúde mental? Se fosse uma equipe multiprofissional que realmente trabalhasse interdisciplinarmente?

### E O QUE FAZIA UMA PEDAGOGA NAQUELE ESPAÇO DE SAÚDE?

O que mais faz uma pedagoga em um espaço de saúde,  
para além da alfabetização?

conhece . conversa . escuta . abraça . organiza . acompanha . acompanhamento pedagógico . oficinas de arte-educação . planejamentos . mediação . visitas às escolas . visita a museus e exposições . dança . joga . escrita . palavras, sílabas, letras, números . músicas . paródias . poesia . leituras . teatro . cordéis . histórias . histórias de mulheres negras em cordéis<sup>11</sup> . xilogravura . samba . bloco de carnaval . matrícula em curso técnico . auxilia nas aulas do curso de informática . chás . cafés . organiza festas . vela na oficina de geração de renda . churrasco do futebol . reflete . discute . pergunta . troca cartas . promove saúde . e se pergunta: o que mais faço aqui? ...

Nas quartas-feiras à tarde aconteciam as oficinas de “Práticas Expressivas e Comunicativas”. Era a oficina de maior duração e nas quais abordávamos temas sociais a partir de discussões que surgiam no grupo e vivências dos usuários. Na maioria das vezes fazíamos uma roda de conversa sobre o assunto e depois propúnhamos alguma criação.

Em uma dessas propostas, conversamos sobre algumas expressões que usamos no cotidiano e que externam nossos preconceitos. Refletimos coletivamente sobre elas e conceituamos do que se tratavam: racismo, machismo, homofobia, misoginia. Então

---

<sup>11</sup> Livro: Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis, de Jarri Arraes

recriamos essas expressões, usando outros termos mas mantendo o sentido. E essas novas frases culminaram na criação de lambes que foram espalhados pelas ruas do entorno do CAPS. Esse processo de criar, sair e colar os lambes pelas ruas, além de possibilitar que essas reflexões alcançassem outras pessoas, também ocasionou a criação de uma exposição de artes, ali, na rua. Lugar por onde passavam e que, a partir daquele momento, passava a ter algo deles.



# #12

## POROROCA: MOBILIDADE ACADÊMICA

O encontro das águas  
em busca das pedagogias feministas

Viajar, conhecer novos lugares e novas pessoas me move, instiga a seguir e querer desbravar sempre mais. E por isso, ligando o útil ao agradável, estava sempre buscando possibilidades de juntar estudos e projetos com viagens.

: Montevideo - Uruguai : Santa Fé - Argentina : Maceió - Alagoas :  
: São Carlos - São Paulo : Salvador - Bahia :

Foram alguns lugares que conheci através do vínculo com a UFRGS, ao participar de congressos, encontros de estudantes, Bienal ou Mobilidade Acadêmica. Alguns deles conheci em uma rápida passagem, outros uma parada mais longa - e mesmo assim não tão longa quanto gostaria. Relembrando sobre esses lugares percebi que há algo em comum em todos eles:

a á g u a  
do lago Guaíba,  
do rio da Prata,  
do rio Santa Fé,  
da cachoeira 2 pilar,  
do oceano Atlântico,  
da Baía de Todos os Santos

E minha viagem mais recente foi em agosto de 2019, quando participei do Programa ANDIFES de Mobilidade Acadêmica para a Universidade Federal da Bahia (UFBA).



O Programa ANDIFES de Mobilidade Acadêmica foi criado em 2003, através de Convênio firmado entre Instituições Federais de Ensino Superior[...]. Mobilidade Acadêmica é a possibilidade efetiva de discentes de graduação cursar componentes curriculares em outras IFES diferentes daquela de origem, através de um vínculo temporário. (Pró-Reitoria de Graduação, UFRGS).

A UFBA fica na capital do estado da Bahia: Salvador. Uma cidade dividida entre cidade alta e cidade baixa, de muitas ladeiras, margeada pela Baía de Todos os Santos e pelo Oceano Atlântico. A cidade por onde chegaram Africanos escravizados no Brasil, a primeira sede da colônia Portuguesa, a cidade mais negra do Brasil, a cidade mais populosa do Nordeste. Escolhi a UFBA pela cidade, pelo meu desejo de conhecer Salvador. Mesmo sem conhecer, já sentia algo muito forte por aquele lugar. E muito disso pela capoeira, pelas minhas experiências enquanto capoeirista, pelo que vivi com e por ela, mas também para além dela.

Dorival Caymmi já dizia:

"Tudo, tudo na Bahia  
Faz a gente querer bem  
A Bahia tem um jeito  
Que nenhuma terra tem"<sup>12</sup>

No último encontro que tive com Mestre Janja - mestra de capoeira angola do Grupo Nzinga<sup>13</sup> e professora da UFBA - em Porto Alegre, em novembro de 2018, eu disse que a encontraria em Salvador. Foi em um evento da UFRGS sobre Capoeira, Educação e Antirracismo que trouxe Mestre Janja e Mestre Cobra Mansa, dois grandes mestres da capoeira angola.

---

<sup>12</sup> Música "Você já foi a Bahia?", de Dorival Caymmi. <https://www.youtube.com/watch?v=fUEsQyO53Zs>

<sup>13</sup> Grupo Nzinga de Capoeira Angola. Site: <http://nzinga.org.br/pt-br>

Dia 15 de agosto de 2019 eu estava no Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) da UFBA, participando da aula da disciplina de “Gênero e Cultura” com a professora Rosângela Araújo(2017) - Mestra Janja.

Como pesquisadora visitante - como me definiu uma das professoras - além de “Gênero e Cultura”, também cursei a disciplina de “Pedagogias Feministas”. Na primeira aula a professora nos perguntou: “O que são pedagogias feministas?”. Lembro do sentimento de inquietação, de “não saber”, um “como assim eu não sei!”. Fiquei muito mexida com essa pergunta e a angústia pela não-resposta. E isso me instigou a querer saber e descobrir o que são pedagogias feministas. Ou qual a minha pedagogia feminista. Passei a pensar nisso quase o tempo todo: caminhando, na faculdade, andando de busu<sup>14</sup>, subindo ladeira...

“Pedagogia do abraço, do amor, da sensibilidade, do afeto, do cuidado, da conexão, preta, indígena, africana, louca, ética, crítica, política, da resistência, da revolução, da desconfiança, da rua, do campo, do assentamento, vegana, da espiral, da ancestralidade, da roda, da mandinga, da ginga, do corpo, da teia, da rede, da encruzilhada, da natureza, do olhar, do movimento, do espaço, do mar, do brincar, do encontro, da diferença, das lãs, dos nós, das bolhas de sabão, do tecido, do pular, Geringonça.

Seria então a pedagogia feminista uma pedagogia de muita coisa ou quase tudo? Qualquer pedagogia pode ser uma pedagogia feminista, ou pode não ser. Depende muito de quem e do que faz, dos propósitos, da intencionalidade, dos objetivos e valores. Pra ser uma pedagogia feminista precisa de responsabilidade e compromisso, precisa estar aberta e consciente do lugar que ocupa e como irá ocupá-lo, precisa desacomodar os que dela participam para que outros lugares sejam possíveis, precisa problematizar, criticar e indicar mudanças. É preciso “maravilhamento de aprender e reaprender novas maneiras de conhecer que vão contra a corrente” (hooks, 2017, p.63). Uma pedagogia de muitas-qualquer coisas ou de nada.

Percebi que o que eu fazia já era, de certa forma, a minha Pedagogia Feminista. Pedagogia Geringonça, com as crianças, poesias, retalhos de tecidos, folhas, giz, fitas, danças, desenhos, rastros, teias e rabiscos, que vai pra periferia, que vai pro campo. Pedagogia Múltiplos e Corpos, no abraço, no encontro, no afeto, no contato deles e todes na I Bienal do Jogo e Educação. Pedagogia da LouCURA, da escuta, da imaginação, do outro, do respeitar, do deixar ser e fluir no Centro de Atenção Psicossocial do Hospital de Clínicas e na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Ocupar praças, parques, espaços da Universidade. Fazer muito com pouco.

---

<sup>14</sup> Soteropolitanos chamam ônibus de “busu”, e eu aderi.

Trabalho coletivo, como bolsista ou voluntária. Dançar, brincar, poetizar, ler, filosofar, andar, colorir, criar. Com todxs." [Escrita para o trabalho final da disciplina de Pedagogias Feministas-UFBA. Salvador, dez/2019]

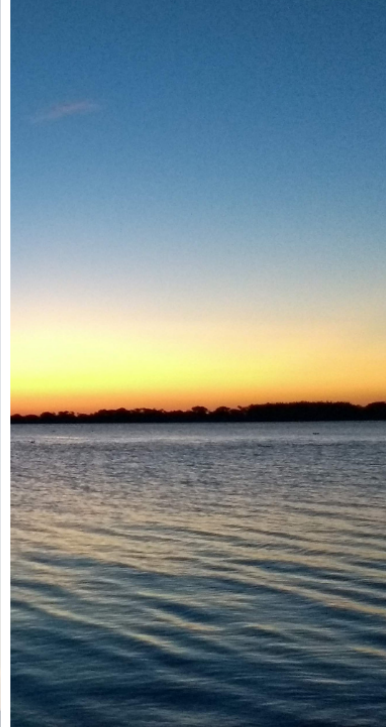
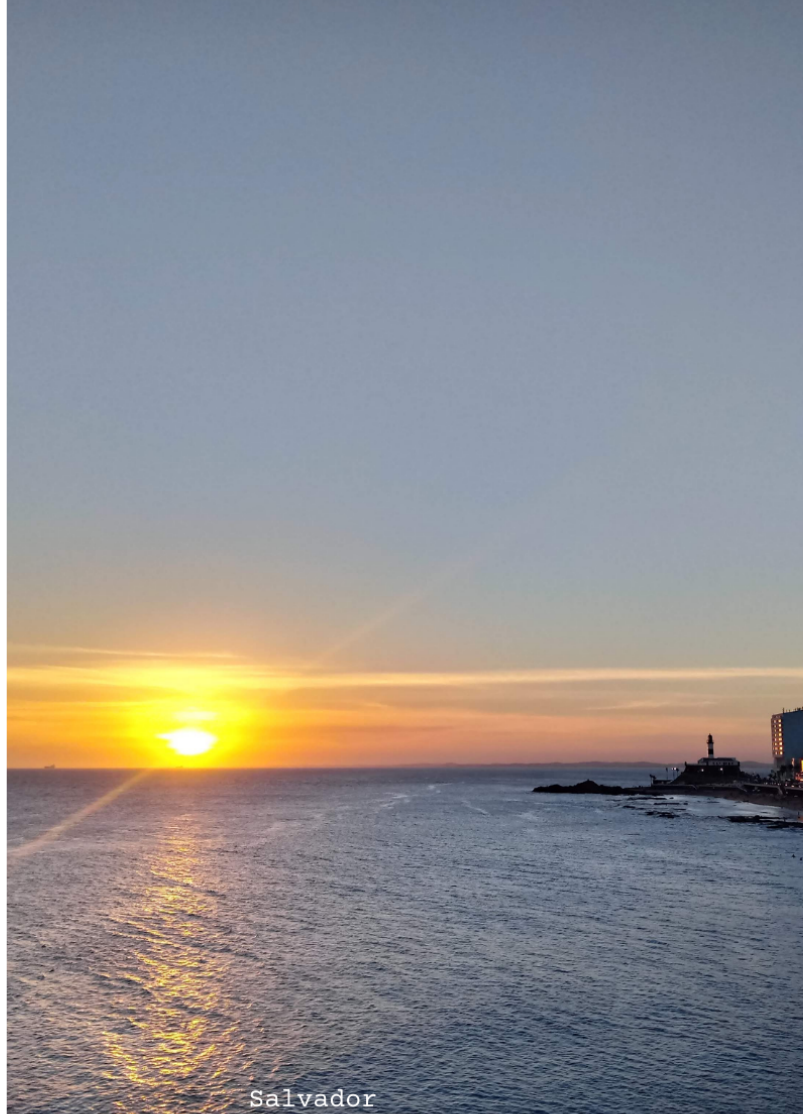
Descobrir Salvador e descobrir as Pedagogias Feministas. Ou melhor, descobrir, definir, nomear e defender as minhas pedagogias como feministas. Foi um processo de autoconhecimento, reflexão e reconhecimento do vivido. E ao mesmo tempo estava desbravando uma cidade nova, um território ainda desconhecido, criando novas relações e recriando outras.

Estar perto das águas do mar me fez me reencontrar com os  
movimentos perto das águas do lago

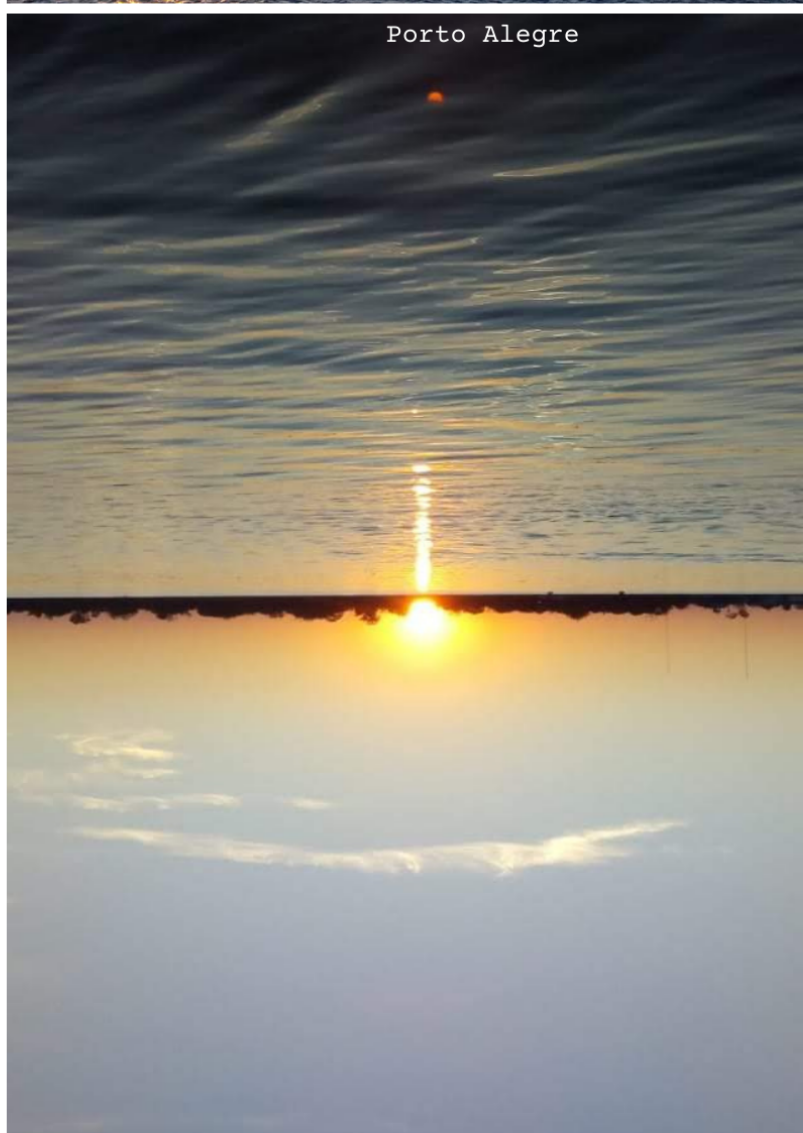
## AS INQUIETAÇÕES DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS E OS MOVIMENTOS DO GUAÍBA.

A mobilidade acadêmica - sem dúvidas - foi a melhor coisa que aconteceu nesse tempo de graduação. Para além das disciplinas e dos conhecimentos acadêmicos, foi uma experiência de vida. Lá me encontrei e conheci diversa, aberta, curiosa, desbravadora, viva. Também pude perceber que os problemas são muito maiores do que imaginamos, que o racismo é estrutural e muita coisa que acontece no Sul também acontece na cidade mais negra do país com outras máscaras e intensidades. Pensar e lembrar de tudo que vivi, cada lugar encantador, cada pessoa, a alegria contagiante do povo, o sotaque, cada pôr do sol, cada banho de mar, cada samba, cada roda de capoeira, cada treino, cada forró, cada ladeira, cada rua, cada acarajé, cada cachorro quente de 1 real, cada picolé de 1 real, cada ida ao Pelourinho, à lagoa do abaeté, à Igreja do Bonfim, à Igreja Rosário dos Pretos, ao Terreiro de Jesus, ao Elevador Lacerda, ao Mercado Modelo, à Avenida Sete, à praça das artes da UFBA, ao chão amarelo do Alto da Sereia. Pensar em Salvador me emociona, me arrepia e aperta o peito de saudade e de um desejo pulsante de voltar!





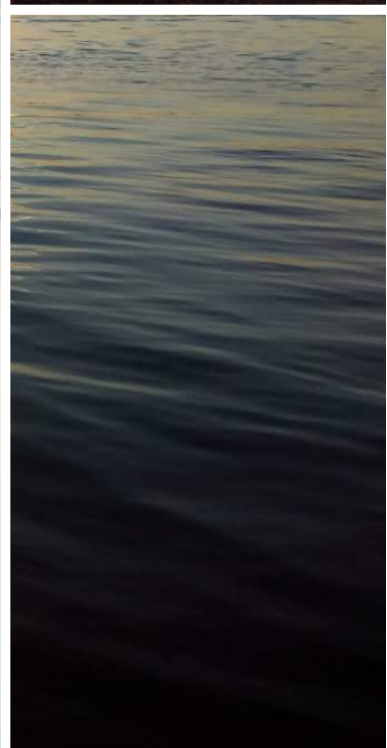
Baía de todos os santos



Porto Alegre



Lago Guaíba



# #13

DE QUANDO

RECEBI MINHAS PRIMEIRAS CARTAS

Sai do estágio no caps, mas não sai do grupo de whatsapp. Vi que em uma quarta-feira alguém perguntou o que seria feito na oficina à tarde e alguém respondeu: cartas. Pensei: "hm, cartas, veja bem". Antes de sair de lá nós tínhamos comentado sobre trocarmos cartas. Imaginei que seria pra mim e dias depois pediram meu endereço. Fiquei muito feliz ao saber que receberia cartas. Minha primeira carta! Ou melhor: minhaS primeiraS cartaS! Confesso que fiquei um pouco na expectativa, mas "de boas" pois chegaria só em 8 dias - o que daria na próxima quinta-feira.

Na segunda-feira - dia 30 de setembro - foi a defesa da tese do Mestre Cobra Mansa. Foi incrível ver aquele homem, negro, com dreads e cabelos brancos, com um jeito simples e simpático, com um saber inestimável apresentando o trabalho. Foi quase um evento de tanta gente, de tantos capoeiristas, de tantos mestres. Era sobre a relação entre a origem da Capoeira e o Engolo, uma prática cultural africana. Práticas que possuem algumas coisas parecidas, mas não uma relação direta. Após a banca teve uma roda, que não se alongou muito. Acabou pelas 19h30, dando tempo de ir no treino, mas os meninos do Nzinga que estavam na roda já tinham saído e eu não sabia qual ônibus pegar. Resolvi vir pra casa.

Cheguei em casa e a Sol - a dona da casa - me trouxe um envelope: - "Chegou isso daqui pra ti hoje!". Era só segunda e já tinha chegado. Eu não estava esperando. Eu não sabia como lidar. Peguei o envelope e vim pro meu quartinho. Fiquei com o envelope no colo, rindo. Eu não sabia o que fazer, eu não conseguia abrir, só rir. Um riso que transbordava em lágrimas, lágrimas que alimentavam o riso. Uma mistura de choro e de riso, de alegria, de emoção. Eu sabia que estava com uma das coisas mais lindas que já ganhei no meu colo. Eu sabia que tinham muitas mãos no meu colo, muitas mãos que eu admiro muito, que também me impulsionam, me fizeram ser quem eu sou e estar onde estou. Eu sabia que naquele envelope tinha muita gente, que passou pela minha mente. Muitos momentos me passaram nesses minutos que eu não conseguia fazer nada. Respirei e comecei a abrir. Por etapas. Registrando tudo. Cartas, recadinhos, colagens! É MUITO AMOR! Meu coração parecia que ia explodir! É muita admiração. É resultado de um caminho construído juntos. Via cada um com seu jeitinho naquelas colagens, naquelas escritas. Foi uma das coisas mais lindas e emocionantes que já vivi, com toda certeza!

E agora, como responder? Assim como eu fiquei na expectativa, sei que eles também estão por uma resposta. Pensei em mandar fitinhas do bonfim, mas acho que seria legal levar lá quando eu voltar. Pensei em mandar cartões postais, mas é uma dificuldade em achar e é caro. Já passei em muitas bancas, em



*muitas livrarias. Fazer cartão postal com cartolina e colagem? Acho que até o momento me parece o mais palpável... mas to deixando fluir pra ver o que aparece!*

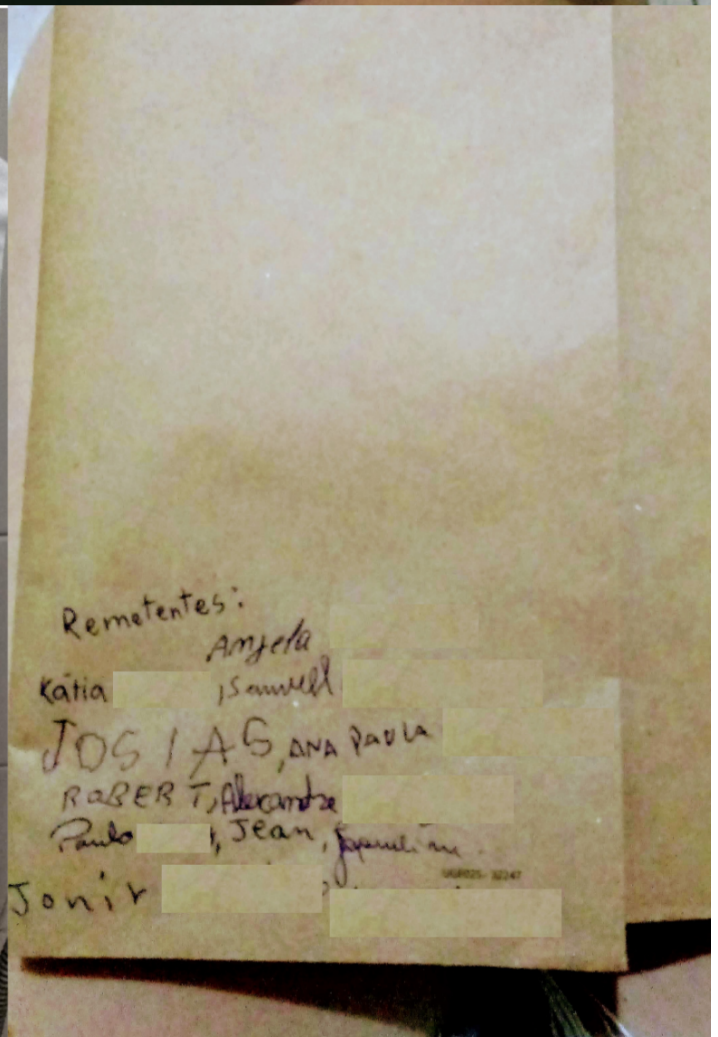
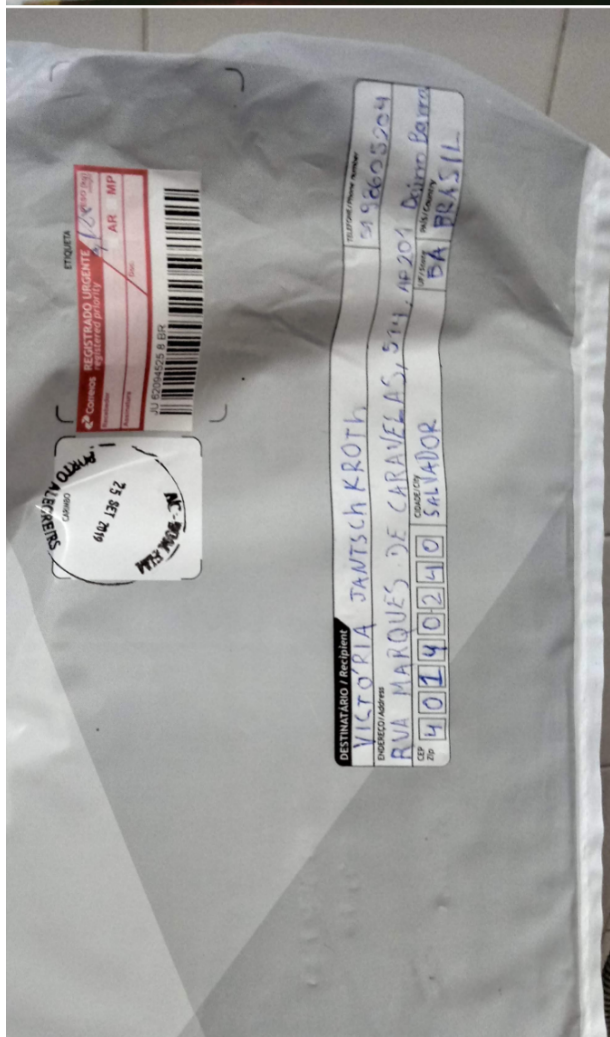
*[Escrita no dia 9 de outubro de 2019. Salvador, Bahia, Brasil]*

No dia 30 de setembro de 2019 recebi minhaS primeiraS cartaS: cartas-colagens feitas pelos amigos do CAPS HCPA. Antes de ir para Salvador eu estava fazendo estágio não obrigatório no CAPS e, na vaga que eu estava ocupando, entrou uma amiga também do curso de pedagogia. As pedagogas seguem ocupando espaços de saúde!

Receber todo esse carinho e cuidado foi um sentimento inexplicável, uma das maiores emoções da minha vida. Foi a materialização, a prova de que minha passagem por lá tinha deixado marcas que ainda ressoavam. Essas cartas foram a materialização do vínculo, do afeto e da amizade que se criaram nos 10 meses que estive no CAPS como estagiária - o que não é muito tempo. Eu sabia e conseguia ver cada uma e cada um naquelas cartas-colagens.

E isso só aconteceu pelo vínculo afetivo criado com os usuários e com o espaço, mas também com a equipe do SEFTO (Serviço de Educação Física e Terapia Ocupacional). Uma equipe que conversava, discutia, abraçava, ria, dançava, cantava, tomava café, se cuidava, respeitava e acolhia. Uma equipe que pensa os processos de cuidado de forma coletiva, que procura brechas dentro do sistema, que busca saídas e luta por uma prática afetuosa e antimanicomial.

*Vínculo que não se encerra, que marcou, que segue na  
lembrança e com desejo de um reencontro.*









Oi Victoria estou com saudade  
 como está você deseja saudade  
 felicidade  
 você tá trabalhando? como  
 vai as coisas na Bahia  
 poesia  
 vento que vem de longe  
 vento que vem de além  
 sopra todo este encanto  
 mostra onde está Bem  
 victoria muita saúde  
 um abraço de Amélia

De  
 Amélia



Saudade quem tem  
 a RA DIZEM  
 que é eterno?  
 E AINDA SEMPRE  
 HA = DELE  
 Nita Maria

VICTORIA  
 VOCE ESTA EBEM  
 SAUDADE

Edanondo  
 ABRAÇO



facebook.com/micaideias  
 Curta a MICA no Facebook e acompanhe as  
 novidades e promoções do nosso circuito.

Querida VICTORIA EU ESTOU  
 COM SAUDADE  
 ESPERO QUE  
 VOCE ESTEJA

Vitoria  
 Querida seja bem feliz na  
 lua de mel. Vitoria você vai bem.  
 nos nossos muros de saudade.  
 como está o tempo aí na Bahia.  
 eu quero que você seja bem feliz  
 no futuro! bastante  
 eu no presente do copio e cola  
 Ana Tereza de Deus



eu VICTORIA  
 EU Adriana gosto  
 Muito de Você e  
 Meu Deus te amo



facebook.com/micaideias  
 Curta a MICA no Facebook e acompanhe as  
 novidades e promoções do nosso circuito.



DESEJO SAVIDE,  
 GLORIA, sabedoria  
 mento, poder, tudo  
 ser tudo possível  
 de Jonir para vic

Estamos com saudade  
 VICTORIA Fiquem com Deus  
 que te ajuda mais mais  
 Fiquem com DEUS.  
 VIE, victorio todos os  
 seus sonhos sempre em  
 se a que desejamos  
 os alunos de copos  
 Fiquem com Deus

Victoria  
 25/9/19  
 Amigo estou com saudade de você pois  
 torço por ter sucesso em mais tudo de bem.  
 Aqui está tudo bem amigo, estou trabalhando.  
 Bastante graças a Deus consegui comprar um casa.  
 A prima do caso tem me feito muito bem.  
 Faça meu tratamento diário para ficar bem

25/9/2019  
 Jean de Anil  
 APS. Para Victoria  
 Ola, tudo bem?  
 tu tá tomando banho de mar, aí na  
 Bahia?  
 Tu prefere mais aí do que aqui?  
 Te desejo toda sorte do mundo  
 e sucesso! Tu é muito legal, Saudade!



VIC  
 Vi  
 MICA Postais Publicitários  
 0800 771 3336 - www.micaideias.com.br



## E A RESPOSTA?

Fiquei muito tempo pensando em como seria minha resposta. Queria que fosse algo marcante, que mostrasse a minha gratidão por essa troca e, claro, um pouquinho de Salvador. Procurei por postais, mas eram todos muito caros e nem tão bonitos assim. Então, resolvi fazer como eles: Carta-colagem!

Comprei uma cartolina e fiz alguns rabiscos coloridos. Selecionei algumas fotos que eu tinha tirado pelos lugares que conheci, imprimi, colei no cartão e escrevi o nome do lugar. Do outro lado escrevi para cada um tentando responder suas dúvidas e mostrar um pouquinho mais de Salvador. Amarrei uma fitinha do Senhor do Bonfim ao redor, e pronto! Também escrevi uma carta maior para todos, falando sobre a minha alegria e reação ao receber esse presente.



# #14

para além do lançar-se:

o afeto e o V Í N C U L O

como impulsionadores

Por muito tempo procurei o que conecta todas essas ilhas, todas essas experiências vividas e o que ressoa para além delas. E cheguei a conclusão que é preciso expandir o olhar:

Não só para o desbravar, os encontros, as experiências  
É PRECISO OLHAR PARA OS VÍNCULOS, PARA OS AFETOS.  
Para o que mexe e marca, para a emoção, para o sentir.

Vínculo é aquilo que une, que ata.  
É A RELAÇÃO QUE SE CRIA NO ENCONTRO,  
e dessa relação se criam redes.  
Encontros acontecem sem vínculo,  
mas vínculo não se cria sem encontro!  
Encontro é educação!  
Educação é relação!

Para se ter um processo formativo e um processo educativo é preciso que se tenha vínculo, que se tenha afeto, que se deixe afetar, que passe pela emoção e pelos sentimentos. O que passa pela emoção faz mais sentido! Em uma educação e saúde para a liberdade faz sentido o afeto e a emoção! Em uma formação em graduação faz todo sentido sentir e navegar entre afetos e emoções!

As cartas trocadas com os amigos do CAPS são a materialização do vínculo criado, do PROCESSO EDUCATIVO (de emoção, de cuidado, de acolhimento, de atenção). Vínculo esse que não se deu somente nas oficinas de alfabetização que foram propostas por uma estagiária de pedagogia. Existem processos educativos em todas as atividades desenvolvidas nos espaços de saúde mental, e em outros espaços educativos, que podem refletir uma educação e uma saúde como prática da liberdade (HOOKS, 2017) ou uma educação e uma saúde manicomial.

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO E DO AFETO  
PARA PENSAR EM UMA EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE!

VÍNCULO E AFETO COMO OS VENTOS

QUE MOVEM ESSA NAVEGAÇÃO

Fique atento: experimentar afetos sinaliza a enunciação de outras formas de agir a partir dos modos de expressão que vamos percorrendo. Quando afetados pelas audições e visões, gostos e cheiros, toques de vidas que nos forçam a pesquisar na historicidade de um tempo que acontece, percebemos que nossas questões são feitas de vidas. Assim, exercitamos uma ética e expandimos nosso conhecer nas relações de uma vida de todos em nós, de uma vida de si com todos. (LAZZAROTTO, CARVALHO; 2012, p.25)



# #15

PARTIR DAS RELAÇÕES, DO VÍNCULO E DO AFETO:

pensar em uma educação manicomial

e uma EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE!

## manicomial

ma · ni · co · mi · al

adj

Relacionado com manicômio, com quaisquer estabelecimentos que se dedicam ao tratamento e à cura de pessoas loucas: o sistema manicomial do município é precário e deficiente.

Etimologia (origem da palavra manicomial). Manicômio + al.

(DICIO Dicionário Online de Português<sup>15</sup>)

Esse manicômio não se restringe somente à estrutura física, mas também às relações sociais que o representam e invocam. E, por isso, pode estar dentro de cada um, de qualquer relação, de qualquer prática, de qualquer espaço. As práticas opressoras se reproduzem não só no fora, no social, no macro, mas também no dentro, no interior, nas microrrelações cotidianas, nas sutilezas do dia a dia.

---

<sup>15</sup> <https://www.dicio.com.br/manicomial/>

Mas o que seria uma educação manicomial? Podemos pensar em espaços educativos manicomiais e espaços educativos libertários? Podemos pensar em espaços libertários que reproduzem uma educação manicomial? E em espaços manicomiais que reproduzem uma educação para a liberdade? Tudo isso depende das relações que acontecem entre: as pessoas, o espaço, as coisas e a sociedade.

Neste caso, a educação manicomial pode ser entendida no sentido da não valorização da vida e das subjetividades, de aprisionar e privar a liberdade - seja ela de expressão, de ideias, de pensamentos, de jeitos de ser -, de não estar conectada à vida e às coisas do mundo. Uma educação que barra as relações, que não faz sentido, que não dá liberdade a quem participa dela. E, assim, continua alimentando uma estrutura que não dá mais conta do que é, um conservadorismo nas práticas, que não valorizam e levam em conta os sujeitos que participam do processo, e colaboram para a manutenção das desigualdades sociais. O modelo de escola tradicional que temos já está ultrapassado, algumas práticas seguem prendendo os estudantes em uma estrutura que é manicomial.

Não sou tão ingênuo e utopista para pretender que existiria uma metodologia analítica segura que erradicasse em profundidade todos os fantasmas que conduzem a reitificar a mulher, o imigrado, o louco, etc. e eliminasse as instituições penitenciárias, psiquiátricas etc. Mas parece-me que uma generalização das experiências de análise institucional (no hospital, na escola, no meio urbano...) poderia modificar profundamente os dados desse problema. Uma imensa reconstrução das engrenagens sociais é necessária para fazer face aos destroços do CMI. Só que essa reconstrução passa menos por reformas de cúpula, leis, decretos, programas burocráticos do que pela

promoção de práticas inovadoras, pela disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade e no trabalho permanente de produção de subjetividade, que vai adquirindo autonomia e ao mesmo tempo se articulando ao resto da sociedade. (GUATTARI, 2012 p. 44)

Transitei, ao mesmo tempo, por dois espaços de saúde completamente diferentes: a Oficina de Criatividade do HPSP e o CAPS. Diferentes não só na estrutura física, nos materiais e na composição da equipe, mas também nas funções que exercem no espaço e na intencionalidade das atividades. Percebi que algumas ações dentro de um espaço manicomial podiam ser mais voltadas à prática da liberdade atravessadas pelo cuidado singular e a produção com as artes. E não estou aqui defendendo manicômios, pelo contrário, refuto práticas manicomiais. Contudo, as ações e as atividades realizadas dentro de um serviço substitutivo, por vezes, também reproduzem práticas manicomiais. A sociedade exclui e as instituições precisam ser vigilantes e se repensar a partir de estudos e planejamentos interdisciplinares constantes.

As práticas são influenciadas pelo espaço em que ocorrem, mas principalmente pelas relações que se dão entre os envolvidos, sejam elas professoras, profissionais, usuárias de saúde mental, crianças, jovens, adultos, pessoas com deficiência, loucas, alegres. E ainda, é essencial que essas relações sejam de afeto, acolhimento e respeito. É imprescindível que um vínculo afetivo se crie ou que seja impulsionado a ser criado.

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho

não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e íntimo (Hooks, 2017, p. 25)

Educação como prática da liberdade: é afeto, é coletiva, é do contato, é da ação, é do criar. Uma educação que “liga a vontade de saber à vontade de vir a ser”. (Hooks, 2017, p. 32). Uma educação da vida, para a vida e com a vida. Educação que permite a criação, que cria, media e provoca pensamento criador e criativo. E que, por ser criadora, produz espaços de cuidado em Educação e Saúde.

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais - e a sociedade - de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade (Hooks, 2017, p. 50)

# # DO FIM DESSA NAVEGAÇÃO R E - P A R T I R

"VIVER É PARTIR  
VOLTA E REPARTIR"<sup>16</sup>

É tudo pra ontem - Emicida part. Gilberto Gil

Assim como não sabia marcar o começo, entro no dilema do fim. É possível demarcar o fim? É preciso que se tenha um fim? Um fim no sentido de objetivo e um fim no sentido de final? Enfim e por fim, quais os meus fins?

O cartógrafo cartografa sempre o processo, nunca o fim. Até porque o fim nunca é na realidade o fim. O que chamamos de final é sempre um fim para algo que continua de uma outra forma. Se não conseguimos enxergar movimento é porque alguma coisa está impedindo, e lançar o olhar para isto é também função do cartógrafo. A cartografia é, desde o começo, puro movimento e variação contínua (COSTA, 2014, p.69)

Essa escrita-navegação foi um re-visitar e refletir sobre os movimentos e experiências dentro da graduação em Pedagogia. Ao longo do processo fui fazendo uma análise crítica e ressignificando o vivido. Ação-reflexão. Uma reflexão crítica sobre a prática.

---

<sup>16</sup> Música "É tudo pra ontem", de Emicida com participação de Gilberto Gil.  
<https://youtu.be/qbQC6op5eZk>

POR FIM,  
O QUE FAZ UMA PEDAGOGA  
NESSES ESPAÇOS DE SAÚDE?

C R I A !

rotas de navegação.uma cartografia.uma pedagogia geringonça. uma  
bienio do jogo e educação.uma educação e uma saúde antimanicomial  
[como prática da liberdade].

UM ESPAÇO DA CRIAÇÃO, DA MEDIAÇÃO, DA ESCUTA PEDAGÓGICA, DO PLANEJAMENTO, DE  
COLOCAR NO PAPEL, DE SISTEMATIZAR, DE ORIENTAR, DE ACOLHER, DE ORGANIZAR. EM  
ALGUNS MOMENTOS TEM QUE SER MAIS PRÁTICA, MAS EM OUTROS NÃO. UMA  
INTENCIONALIDADE DE PARTIR, CHEGAR OU DE IR A ALGUM LUGAR PARA PROVOCAR UM  
PENSAMENTO CRIADOR E CRIATIVO. UM DISCUTIR, SE INCOMODAR, DESACOMODAR, JOGAR,  
ENSINAR, APRENDER, CUIDAR E PENSAR COM.

UM ESTAR E FAZER COM O OUTRO, COM VÍNCULO, COM AFETO

A intensidade do vínculo afetivo como vento que move  
essa navegação. Vento que define o percurso, os rumos  
e destinos para onde vai esse barco. Vento que  
impulsiona os encontros e as relações tendo a  
educação para a liberdade como farol.

BarCo(rpo)<sup>17</sup>-Pedagoga que segue a navegação,  
em busca de outros espaços possíveis para ocupar!  
. . . navegando e criando e lutando . . .

POR UMA EDUCAÇÃO

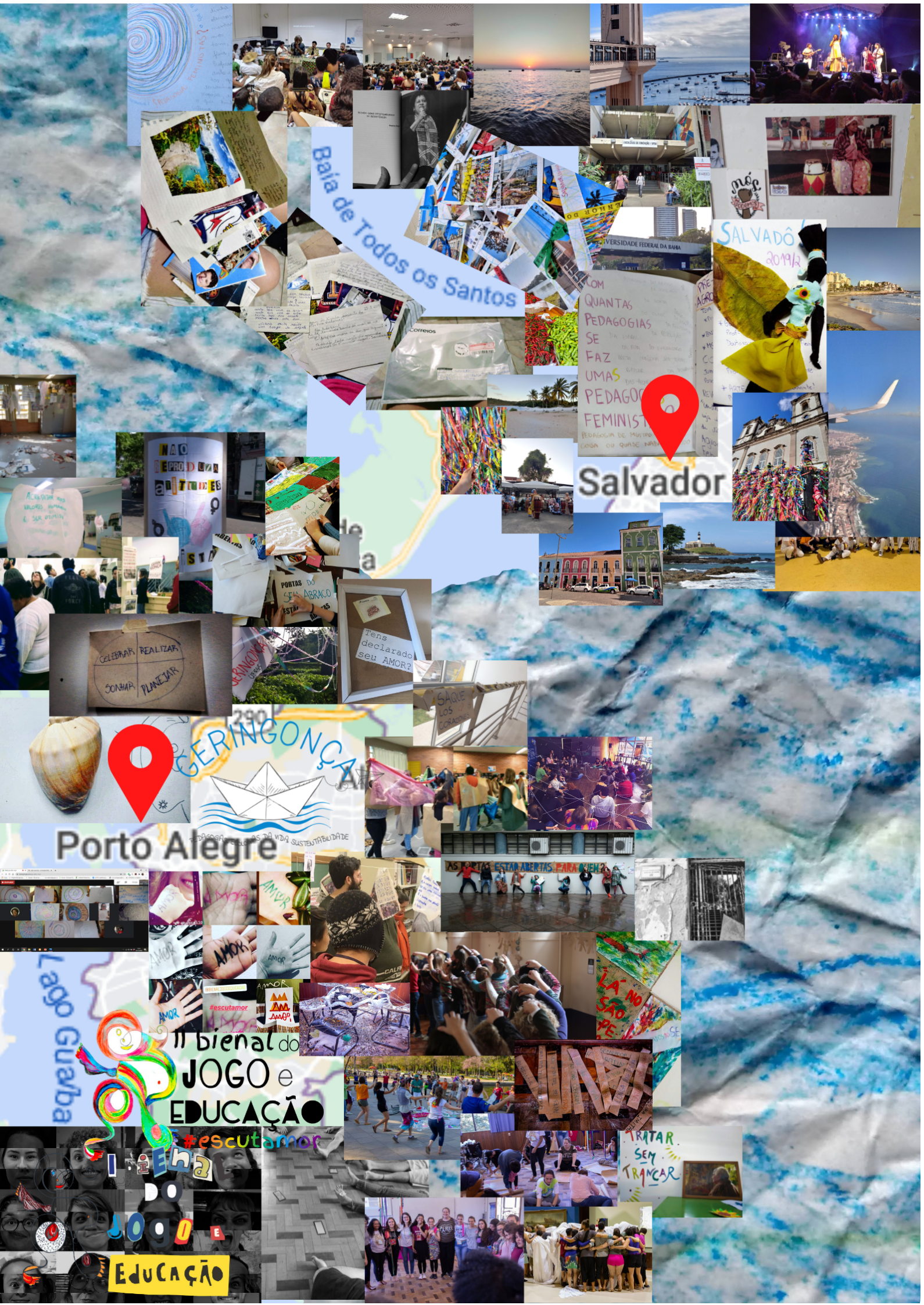
ANTIFASCISTA ANTIRRACISTA ANTIMACHISTA

ANTIMANICOMIAL DECOLONIAL INCLUSIVA FEMINISTA

---

<sup>17</sup> Barco-corpo que lembra a Nau dos Loucos, mas não é - como dito pela banca em referência à Nau dos Insanos, proposto por Foucault em "A História da Loucura na Idade Clássica"(1972).





Baía de Todos os Santos

Salvador

GERINGONÇA

Porto Alegre

Lago Guaíba

II Bienal do JOGO e EDUCAÇÃO

#escutamor

EDUCAÇÃO



# #REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em Línguas:** uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, Vol. 8, N.1, 2000, p. 229-236.

ARAUJO, Rosangela Costa. **Ginga:** uma episatemologia feminista. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

ARRAES, Jarriid. **Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis.** São Paulo: Editora Seguinte, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS:** os centros de atenção psicossocial. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <[http://www.ccs.saude.gov.br/saude\\_mental/pdf/SM\\_Sus.pdf](http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/SM_Sus.pdf)>. Acesso em 01 de maio de 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº10.216, de 06 de Abril de 2001.** Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 09 abr. 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Portaria n.º 336, de 19 de fevereiro de 2002.** Atualiza normas constantes da Portaria MS/SAS n.º 224, de 29 de janeiro de 1992 e estabelece os centros de atenção psicossocial nas modalidades CAPS I, CAPS II e CAPS III, CAPS i II e CAPS ad II. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE. Legislação em saúde mental: 1990-2004, 5. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2004a, p. 125-36.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011.** Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União 2011; dez 26.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo:** A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. LOLA Press n. 16, 2001. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia:** uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do LAV -SantaMaria -vol.7,n.2, p.66-77-mai./ago.2014

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

\_\_\_\_\_. **Semente de crápula**: conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito viável. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.(Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GAI, Daniele Noal. **Ética do Brincar**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papirus, 2012.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

II Bienal do Jogo e Educação. **#Escutamor**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bienaljogoeducacao/escutamor-2/>>. Acesso em 03 de maio de 2021.

JAFFE, Noemi. **O livro dos começos**. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**. Tradução Jess Oliveira - 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.

LAZZAROTTO; CARVALHO. Afetar. In: FONSECA; NASCIMENTO; MARASCHIN (orgs). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

NEUBARTH, Bárbara. **No fim da linha do bonde, um tapete voa-dor** : a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (1990-2008): inventário de uma práxis. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

Pró-Reitoria de Graduação UFRGS. **Programa de Mobilidade Acadêmica - Andifes**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/prograd/programa-de-mobilidade-academica-andifes/>> . Acesso em 18 de abril de 2021.

ROLNIK, Suely. Molda-se uma alma contemporânea: o vazio pleno de Lygia Clark. In: **The Experimental Exercise of Freedom**: Lygia Clark, Gego, Mathias Goeritz, Hélio Oiticica and Mira Schendel. The Museum of Contemporary Art. Los Angeles, 1999. Disponível em:

<http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Molda.pdf>. Acesso em: 28 abril. 2021

SARAMAGO, José. **O conto da Ilha Desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Amanda Marchewski da; ALVES, Daniela; KROTH, Victória Jantsch [orgs]. **Memórias e Mirabolâncias: I Bienal do Jogo e Educação : múltiplos e corpos**. Porto Alegre: Faced UFRGS, 2018. 258p. : digital.

SILVEIRA, Nise. **Nise da Silveira** - organização Luiz Carlos Mello. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

\***IMAGENS**: Todas as imagens deste trabalho são do arquivo pessoal da autora, estando proibida a utilização para outros fins sem consentimento da mesma.